

## TEMPO PASSADO, LUGAR PRESENTE: PAISAGEM E MEMÓRIA<sup>1</sup>

*Past Time, Present Place: Landscape and Memory*

David Lowenthal<sup>2</sup>

### RESUMO

A relação paisagem e memória é tratada a partir de uma compreensão multifacetada do passado, como “um país estrangeiro”, que pode ser acessado, mas que mantém uma distância mediada por valores, experiências e sentidos de lugar, sempre compreendidos a partir do presente. O autor examina diferentes sentidos de passado (necessário, valorizado, negado, reconstruído, irrecuperável, ostensivo, alterado, inventado), apresentando elementos para investigar a relação cultural com o passado a partir das paisagens que criamos.

**Palavras-chave:** Nostalgia. Experiência. Lugar.

### ABSTRACT

The relationship between landscape and memory is dealt with from a multifaceted understanding of the past, as “a foreign country”, that can be accessed, but which maintains a distance mediated by values, experiences and senses of place, understood from the present. The author examines different meanings of the past (necessary, valued, denied, reconstructed, unrecoverable, ostensible, altered, invented), presenting elements for investigating the cultural the cultural relationship with the past based on the landscapes we create.

**Keywords:** Nostalgia. Experience. Place.

1 Traduzido por Thiago Gonçalves Rodrigues, com revisão de Werther Holzer do original “Past Time, Present Place: Landscape and Memory”, publicado na “Geographical Review”, v. 65, n. 1, de jan. 1975 (p. 1-36). Agradecemos à revista e seus editores, bem como ao professor Lowenthal, por ceder a autorização para esta publicação anos atrás, antes de seu falecimento, em 2018.

2 Professor Emérito de Geography, Department of Geography, University College London.  
✉ North West Wing, London WC1E 6BT, Reino Unido.

O atleta americano Satchel Paige explicou certa vez como ele continuou jogando *baseball* com bem mais de 50 anos: “Nunca olhe para trás”, ele aconselhou; “alguma coisa pode estar no seu encaço”. Hoje em dia o terrível futuro está em nosso encaço; nós olhamos para trás na direção de paisagens familiares, apreensivos (as) de que os confortos do passado possam estar escapando de nossas mãos.

Nós herdamos a mortal enfermidade da nostalgia. No dia 18 de novembro de 1793, um assustado ministro de guerra francês cancelava todas as baixas de soldados convalescentes, exceto daqueles atingidos por “saudades da pátria”<sup>1</sup>. Para isso, nenhuma outra cura era conhecida. Dançarinas, sangrias, sanguessugas — nada funcionava, até que um general russo invadindo a Alemanha em 1733 descobriu a eficácia do terror: ele anunciou que qualquer soldado incapacitado pela nostalgia seria enterrado vivo. Depois de dois ou três enterros, “não havia mais um único caso em todo o exército” (Starobinski, 1966, p. 96).

Mas poucos acreditavam que nostalgia se tratava de encenação. O termo *Heimweh*, usado pela primeira vez, em 1688, pelo médico suíço Johannes Hofer, vindo do grego para “voltar à casa” e “tristeza” ou “dor”, descrevia uma enfermidade familiar: exilados longe de suas terras natais adoeciam e definhavam. A maioria das vítimas da nostalgia estava entre os mercenários suíços na Europa setentrional. Bastava que se tocasse uma melodia de pastoreio familiar que eles eram carregados em devaneios para suas casas alpinas, deixando uma tristeza profunda pelas amadas paisagens perdidas. “Os prazeres da memória” (“The Pleasures of Memory”), de 1792, de Samuel Roger transmite a cena.

O intrépido suíço, que guarda uma costa estrangeira, Condenado a não mais escalar seus penhascos montanhosos, Se por acaso

<sup>1</sup> N. T. “Homesickness”, no original.

ouve a canção tão docemente selvagem, A qual naqueles penhascos suas horas infantis enganaram-se, Derrete-se nas cenas tão longinquamente perdidas que se alevantam em [torno de si, E afunda num martírio de suspiros arrependidos (Rogers, 1803, p. 26).

A respeitabilidade médica alastrou a doença dos soldados provinciais e recentes migrantes camponeses para a elite educada. Philippe Pinel delineou os sintomas por volta de 1800: “uma aparência triste e melancólica, um olhar confuso, [...] uma indiferença em relação a tudo; [...] a quase impossibilidade de sair da cama, um silêncio obstinado, a rejeição de comida e bebida; emagrecimento, debilidade extrema e morte”. Outro médico descobriu que em “cadáveres de pacientes que morreram desta doença [...] os pulmões aderiram-se firmemente à pleura do tórax, [e] que o tecido do lóbulo” estava engrossado e purulento (Starobinski, 1966, p. 97-98). Vítimas de nostalgia na verdade morriam de meningite, gastroenterite e tuberculose, mas porque todos acreditavam na fatalidade da nostalgia, assim se tornou.

Nenhuma cura foi encontrada. O século dezenove transformou a nostalgia de uma doença geográfica numa enfermidade sociológica. Suas primeiras vítimas tinham sido camponeses perdidos no anonimato do exército e das metrópoles. Seu desejo de retorno era literal, orientado em relação a um ambiente familiar e circunscrito. Conforme laços locais se dissolviam, nostalgia se tornou uma sensação de perda generalizada, focada menos na localidade do que na infância lembrada.

Para o móvel homem moderno, nostalgia não é tanto estar sendo desenraizado mas ter que viver em um presente estranho. Se não mais fatal, ela é uma doença cada vez mais generalizada. Uma vez o conforto de poucos, nostalgia agora atrai pessoas de todos os níveis

sociais. O comércio de antiguidades se expandiu para a classe média (Nelson, 1970), enquanto “*distressers*” usam sujeira, pedras e martelos em mobílias novas, vestem botas cravejadas em escadarias e usam espingardas de pressão para fazer furos de “minhoca” (Davie, 1974). Casas históricas reconhecidas no Reino Unido recebem quarenta milhões de visitantes por ano. Fabricantes restaurando para a lembrança de coisas passadas inundam o mercado com *souvenirs* e imitações de antigamente.

Pessoas costumavam expressar nostalgia seletiva sobre tempos e lugares particulares em um passado mais ou menos remoto. Hoje, a nostalgia ameaça engolir todo o tempo passado e muito da paisagem presente. Os negociantes de antiguidades, descartando a barreira centenária, tratam *Art Deco* dos anos 1930 com a reverência concedida à Rainha Anne e aplaudem a *Sotherby* vendendo uma “*juke box*” de 1952, com pernas afuniladas “canonicamente pertencente aos anos 1950”, por £360, “e, em tempos antiquíssimos, estiveram esses pés em Meca, Walham Green?” (Hillier, 1973, p. 9). “Homens de memória” nas artes avançaram ainda mais rápido, com *revivals* nostálgicos de John Osborne e Mary Quant.

Saudosos americanos apreciam o passado ainda mais recente. “Brighton Park Up-To-The-Minute Nostalgia Savoring and Reminiscing Society”, de Russell Baker, especializa-se na melancolia sobre as coisas mais recentes.

Alguns membros já desenvolveram nostalgias literalmente de partir o coração [...] pela última semana. (Que grande última semana! [...] os bifés iam por toda a América. Será que os veremos grelhados de novo em nossas vidas?) Vamos com isso! Nostalgia é agora. Nostalgia será amanhã (Baker, 1973, p. 33).

Nostalgia se expandiu no espaço não menos do que no tempo. Um “Índice de Saudade” de paisagens históricas dinamarquesas

ajuda residentes e turistas a aproveitar todas as fases do passado (Newcomb, 1972). “*Merrie England*” (“Inglaterra Alegre<sup>2</sup>”) ao lado das principais rodovias do Reino Unido anuncia “a faceta mais exuberante de nossa herança”, de parafusos ao Incêndio de Londres, mas alguns tratam o país inteiro como um apreciado artefato histórico.

“O passado é um país estrangeiro” “The past is a foreign country”, L. P. Hartley observou (Hartley, 1953, p. 9); graças à nostalgia, Punch avisa, o país agora “se tornou o país estrangeiro com o mais rico comércio turístico de todos”. Mas como acontece com viajantes de toda parte, aqueles que vão ao passado destroem aquilo que amam.

Uma crise eco-nostálgica está a caminho. [...] A Pista da Memória agora parece a Rua Oxford com a exceção de que ela já é mão-única. [...] Recursos terão que ser preservados, *revivals* de Fred Astaire e Ginger Rogers estritamente racionados. [...] Quando a terra da memória for finalmente selada [...] os estoques de suas lojas esgotados para além de reposição, a única esperança será criar figuras para-todos-os-fins do passado e deixá-las jogadas pelos cantos. [...] O único futuro para a indústria da nostalgia é a invenção (Morley, 1972).

O crescimento da proporção de idosos pode encorajar nostalgia. “Os velhos entendem de **mudanças**, [...] **eles passaram por elas**”, observa Hugh Prince. E eles deixam que todos nós saibamos disso. “Nós todos vivemos no passado através do contato com os idosos, compartilhando de suas lembranças e reminiscências. [...] Inevitavelmente nós assumimos alguns dos hábitos e valores dos velhos” (Prince, 1973, p. 10-11).

Porém, o contato com os idosos pode explicar a mania por nostalgia entre os jovens? Aqueles que colecionam velharias

2 N. T. “Merry England”, ou numa grafia mais antiga “Merrie England”, se refere a um auto estereótipo inglês, uma conceituação utópica da sociedade e cultura inglesa baseado num estilo de vida idílico e pastoral que foi prevalente durante algum tempo entre a Idade Média e os princípios da Revolução Industrial.

vitorianas, reúnem-se em filmes de Bogard, escutam Glenn Miller e dão festas temáticas dos anos 1950 não são pessoas que se lembram com carinho dessas coisas, mas aqueles jovens demais para lembrarem-se de qualquer coisa, que dirá dos objetos de sua devoção nostálgica. A visão nostálgica pode aplicar-se tão sutilmente tanto a uma história de segunda mão quanto a cenas da própria infância.

O que a nostalgia requer é uma sensação de estranhamento; o objeto da busca deve ser anacrônico. Como a devoção pelo mundo clássico durante a Renascença, para nós, a distância do passado faz parte do charme. “Nós queremos reviver aqueles dias excitantes do passado”, afirma um crítico, “mas somente porque nós estamos absolutamente seguros de que aqueles dias estão além de nosso alcance” (Rosenblatt, 1973, p. 23). O retorno ao passado normalmente é fugaz, como na “Feira dos Prazeres” (“Pleasure Faire”), na Califórnia, uma recriação do século dezesseis onde artesãos hippies entornando hidromel e “elixir quente”. “A maioria de nós nos identificamos mais com os tempos da Renascença do que com o presente”, explicou um jovem oleiro. “Esta é fuga anual para um mundo melhor” (Bart, 1966).

Evocações nostálgicas de um passado distante antecedem em muito o século XX, como lembra Panofsky. “Numa bela manhã de setembro de 1464” dois antiquários e o pintor Andrea Mantegna saíram

[...] em uma excursão no *Lago di Garda*. Eles [...] arranjaram tempo para copiar a bela inscrição numa coluna clássica de mármore; e quando eles navegaram para casa [...] uma pessoa do grupo assumiu o papel de um imperador romano, coroado com louros, cantando e tocando a lira, enquanto os outros dois atuaram como cônsules (Panofsky, 1970, p. 173).

Mas o estado de espírito do século quinze tinha outras causas e consequências. Várias explicações têm sido desenvolvidas para

explicar o ressurgimento da nostalgia no século vinte: um refúgio das falhas do presente, um cilício para os ricos, um contrapeso para as desconcertantes mudanças, absolvição para o progresso implacável, um desejo atávico por uma ordem “natural” — cada sugestão trai seu próprio anseio. “Estejamos todos protegidos contra a nostalgia”, clama Francis Hope, “e ainda mais de nostalgia para nostalgia” (Hope, 1973). Porém ele está atrasado: a doença suíça do século dezessete é agora uma droga que nos fisgou a todos.

No entanto, nostalgia é apenas uma faceta da ligação com o passado e deve ser vista em conjunto com o resto.

### USOS DO PASSADO

Raramente falta ao passado um público. De fato, os elos tangíveis que nos ligam com a história desafiam a contagem. As pirâmides egípcias, fragmentos da cruz verdadeira, a Renascença, o revival gótico, antiguidades, o Homem de Piltdown (“Piltdown Man”<sup>3</sup>), “Colonial Williamsburg”<sup>4</sup>, o “National Trust”<sup>5</sup> — todos refletem o interesse num passado tangível. Um gosto desse tipo claramente transcende a nostalgia. Como escreveu Vanbrugh há três séculos, “a parcela mais Educada da Humanidade” acorda “no Valor que foi colocado nas Relíquias de tempos distantes” (Vanbrugh, 1927-1928, p. 29). Hoje, o empurrão do passado é sentido pelos nobres e pelos plebeus da mesma forma.

3 N. T. O Homem de Piltdown foi uma fraude, na qual fragmentos de ossos ordinários foram apresentados como restos fossilizados de um ser humano previamente desconhecido.

4 N. T. “Colonial Williamsburg” trata-se de um “museu-vivo” de história que representa o distrito histórico da cidade de Williamsburg, no estado de Virgínia, nos Estados Unidos da América.

5 N. T. “National Trust” geralmente se refere a uma organização dedicada a preservar os tesouros culturais ou ambientais de uma determinada região geográfica.

Uma preferência tão difundida deve ser uma necessidade. Tentarei mostrar porque nós precisamos de evidências tangíveis do passado, as formas que nossa necessidade assume e algumas consequências para a paisagem e a paisagem urbana, para as relíquias e artefatos.

### O PASSADO INEVITAVELMENTE PRESENTE

Nós precisamos do passado, de toda forma, para lidar com as paisagens do presente. Nós percebemos seletivamente aquilo que estamos acostumados a ver; características e padrões na paisagem fazem sentido para nós porque compartilhamos histórias com eles. Cada objeto, cada agrupamento, cada ponto de vista é inteligível parcialmente porque nos já somos familiares com eles, em função de nosso próprio passado e através de contos que ouvimos, livros que lemos, imagens que vimos. Nós vemos as coisas simultaneamente como elas são e como as vimos anteriormente; as experiências passadas permeiam toda percepção do presente.

Cada cena e objeto está investida com uma história de envolvimento reais ou imaginários; suas identidades percebidas resultam de atos e expectativas passadas. Sem o passado como evidência tangível ou lembrada, nós não funcionaríamos. “Senhor Everyman”, de Carl Becker,

quando acorda pela manhã viaja até o país do passado e dos lugares distantes [...], colocando no lugar [...] coisas ditas e feitas em seus “ontens”<sup>6</sup> e os coordena com suas percepções do presente. [...] Sem esse conhecimento histórico, essa memória de coisas ditas e feitas, seu hoje seria sem propósito e seu amanhã sem significado (Becker, 1932, p. 223).

6 N. T. “Yesterdays”, no original.

Porém, o passado não é apenas lembrado; ele é encarnado nas coisas que construímos e nas paisagens que criamos. Nós tornamos nosso ambiente confortável incorporando ou fabricando lembranças a ele, e nós nos sentimos em casa quando a camuflagem de novos produtos evoca o antigo. Assim, lareiras modernas, aquecidas eletricamente, se tanto simulam o aquecimento verdadeiro com efeitos de carvão vitoriano ou lenha dos Tudor. Gabinetes de plástico ou pisos de linóleo evocam o passado com aparência marmorizada ou amadeirada. Sachês falsos, colados nas janelas, evocam um aconchego antigo e habitual; acessórios elétricos se parecem com velas e lamparinas de querosene. Nós construímos e enfeitamos as novas estruturas com formas e materiais de épocas passadas. Plástico moderno, aço inoxidável e concreto armado pode ter seus admiradores, mas para cada cadeira tubular contemporânea ou prédio com parede-cortina<sup>7</sup>, dois em estilo tradicional são feitos.

A maioria abraça o passado inconscientemente. O *designer* de troncos com coração de concreto ou lâmpadas com gotas de parafina pode reconhecer o anacronismo, mas para a maioria dos usuários essas coisas, na verdade, não recordam o passado. Os ingleses sentem-se ligados aos paisagismos de cerca não porque eles derivem de antigos cercados, mas porque eles sobreviveram para caracterizar a cena rural moderna.

O passado ganha ainda mais peso porque concebemos os lugares não apenas como nós mesmos os enxergamos, mas também como ouvimos dizer e lemos sobre eles. A Londres prevista é uma combinação de experiências pessoais, mídias contemporâneas e imagens históricas variando desde Hogarth e Turner até Pepys e Dickens.

7 N. T. “Curtain-walled building”, no original.

Tais percepções do passado, muitas vezes encarnam vigorosamente o caráter dos lugares. A Londres de Mayhew pode parecer mais nítida e mais coerente do que nossas impressões fragmentárias e indeterminadas da cena atual. “Nossa reação ao esboço de John Constable de “Hampstead Heath” [“Brejo de Hampstead”] [mostra] o poder [...] de um passado desaparecido diante de um passado presente”, observa Prince. “A ausência da metrópole coaduna tão perfeitamente com nossa noção do brejo<sup>8</sup> como um espaço selvagem e aberto que nós deveríamos reconhecer, sem nenhuma hesitação, o ponto de vista a partir do qual o esboço foi feito”. A região de Wessex de Hardy, o Distrito dos Lagos (“Lake District”) de Wordsworth e Sussex Downs de Samuel Palmer ainda dominam nossa imagem dessas paisagens, “características fantasmas mantidas em existência pela nostalgia” (Prince, 1973, p.16).

Mas não é simplesmente a nostalgia que faz o passado tão poderoso. Retrospectivas e uma visão global permitem que compreendamos os ambientes passados de maneira que acabam por nos frustrar quando lidamos com o presente inconstante. Porque elas parecem mais compreensíveis, imagens do passado normalmente dominam ou podem substituir totalmente o presente.

O novo visitante está mais apto a ler o passado no presente. “Somente um completo estrangeiro seria enganado pela aparência medieval de York. [...] Um observador casual pode se admirar pela atmosfera Tudor do lugar; os nativos sabem quão recente tudo aquilo é” (Prince, 1973, p. 13-14). Ou o visitante ignora os aspectos modernos ou erradamente os atribui à estrutura medieval. E o visitante imagina um universo social congruente, povoando as ruas e moradias com pessoas de uma época anterior. “Você veio para

8 N.T. “Heath”, no original.

uma cidade estranha, em um lindo, ensolarado e persuasivo fim de tarde”, observa Summerson.

Você passeia por ruas onde não conhece ninguém, onde ninguém te conhece. Encantado pela aparência intemporal, estacionária de tudo. Você percebe apenas aquilo de que gosta. Numa rua de casas georgianas você vê famílias prósperas e respeitáveis vivendo vidas não diferentes daquelas que seus antepassados viveram — talvez nas mesmas casas. A imagem é parcialmente verdadeira. Os casarões antigos e a confortável vida caseira da classe média continuam lá. Mas, de um modo geral, a imagem é falsa. Os casarões antigos ficaram desocupados, são transformados em escritórios ou apartamentos. As antigas famílias fragmentam-se e vivem em apartamentos urbanos e chácaras (Summerson, 1963, p. 229).

Se o caráter do lugar se perdeu na realidade, ele está preservado nos olhos da mente do visitante, formado pela imaginação histórica, imaculada por fatos sociais rudes. As ruas e os prédios duradouros convencem o visitante de que o passado está presente.

#### ELEMENTOS DE NECESSIDADE

Nós também exigimos evidências mais conscientes e singulares do passado — características e estruturas que nós acreditamos serem antigas, precedentes ou duráveis. A continuidade íntima do passado com o presente é uma fonte de conforto, como demonstra o registro de William Maxwell sobre sua pequena cidade da infância.

Quando você entrou aqui vindo de fora, por todo lado havia traços de ocupação humana: os restos de um chá no carrinho de vime na sala-de-estar verde-musgo e branca, bloquinhos de construção ou soldadinhos de chumbo no meio do chão da biblioteca, um livro aberto na poltrona da janela, um jogo de paciência inacabado, uma peça de tricô com uma agulha enrolada presa nela, uma caixa de pintura ao lado de um copo cheio de

## Tempo Passado, Lugar Presente: Paisagem e Memória

David Lowenthal

água turva, flores em vasos de vidro lapidado, fogo nas duas lareiras durante o inverno, luzes queimando em quartos vazios porque alguém pretendia voltar logo. Indícios de estar aquecido, de estar confortável, de estarmos aconchegados. Indícios de nós (Maxwell, 1971, p. 191).

O passado tangível afeta as pessoas, sobretudo em seus ambientes cotidianos. Irlanda irlandesa e inglesa diferiram em continuidade, observa Daniel Corkery, uma enraizada em um passado estimado, o outro empoleirado num presente isolado.

Aqueles O'Connells, O'Connors, O'Callaghans, O'Donoghues — todos os gaélicos — eram um [...] com a própria paisagem. [...] Se afastar dos sobrenomes [...] era como trazer à visão certos distritos — colinas, rios, planícies; enquanto, pelo contrário, recordar as toponímias em certas regiões era lembrar as antigas tribos e seus memoráveis feitos. Quão diferente era quando os Plantadores<sup>9</sup> estavam por aí. Para eles, todos aqueles planos de fundo mitológico, literário e histórico gaélico não existiam. [...] A paisagem que eles observavam era, de fato, nada além de rochas e pedras e árvores.

As casas gaélicas tinham “um sentido de continuidade histórica de proximidade com a terra, que aquelas casas dos Plantadores não poderiam nem sonhar com” (Corkery, 1951, p. 56 e 58).

Simplesmente saber que as estruturas são duráveis pode dar aos moradores uma sensação de ser enraizado a um lugar. “Muitos locais simbólicos e históricos de uma cidade são raramente visitados por seus habitantes. [...] No entanto, uma ameaça de destruir esses lugares suscitará uma forte reação, mesmo por aqueles que nunca as viram. A sobrevivência desses cenários de boatos, não visitados transmite uma sensação de segurança e continuidade” (Lynch, 1972, p. 40).

9 N. T. “Planters”, no original.

Aqueles que não têm continuidade em casa, normalmente procuram por ela fora. “A maioria dos americanos”, observa Kevin Lynch, “vão para longe de casa, na Europa, para se sentir em casa no tempo” (Lynch, 1972, p. 41). De acordo com Adrian Stokes, os meros traços “do passado humano nos deixam em contato com nossa própria evolução. [...] Uma consciência da continuidade das gerações, de qualquer jeito que tenha acontecido, é suficiente. [...] A mina de estanho romana [em Cornwall] [...] pode prefigurar para nós a aurora dos relacionamentos, do comércio entre os objetos” (Stokes, 1965, p.60-61).

Privados de uma história de vida íntima, nos ainda precisamos de lembretes tangíveis de coisas que nós fizemos, lugares em que estivemos, vistas que vimos. “Se conseguíssemos viver com nossos eus passados e presentes com todos os seus objetos”, ressalta Stokes, “nos sentiríamos continuamente em casa” (Stokes, 1965, p. 61). Quando não podemos, nos contentamos com souvenirs. Recordações e lembranças são substitutas para paisagens desaparecidas. Enquanto carregam seus calhambeques para a viagem em direção à Califórnia, os “okies”<sup>10</sup>, migrantes desenraizados, em “The Grapes of Wrath” (“As Vinhas da Ira”), de Steinbeck, são avisados de que não há espaço para souvenirs como cartas, velhos chapéus e cachorros de porcelana. Mas eles “sabia que o passado iria gritar para eles nos próximos dias. [...] ‘Como podemos viver sem nossas vidas? Como saberemos que somos nós sem nossos passados?’” (Steinbeck, 1939, p. 76, 78-79).

Alguns que rompem laços com paisagens passadas encontram continuidade decorando suas novas paisagens com réplicas reais ou simbólicas de cenas passadas. Características dos subúrbios e “High

10 “Okie” é um termo que data de 1907, originalmente designando uma pessoa residente ou nativa do estado de Oklahoma, nos Estados Unidos da América.

Streets” ingleses embelezando a paisagem de cidades na Austrália e Ontário, Hong Kong e Barbados. A saudade de casa de um indiano na Inglaterra é sanada pelo mobiliário urbano de Londres que os imperiais ingleses trouxeram anos antes para a Índia para amenizar sua própria nostalgia.

Símbolos portáteis do passado também contribuem com a continuidade. Por isso, quando os Masai foram transferidos na África Oriental eles “levaram consigo os nomes de suas colinas, planícies e rios; e nomearam assim as colinas, as planícies e os rios no novo país [...], levando suas raízes arrancadas com eles, como um medicamento” (Blixen, 1937, p. 402). Antigas toponímias europeias da mesma forma domesticaram a América e as Antípodas, ainda que aqueles que levaram arquiteturas e epônimos clássicos para lugares no Novo Mundo procuravam tanto identificação com a antiguidade quanto continuidade.

A vida é mais do que eventos separados; ela incorpora a qualidade de duração, de passagem através do tempo. Golpeados pelas mudanças, nós preservamos vestígios de nosso passado para termos certeza de nossa identidade duradoura. Nós mesmos mudamos: nós crescemos, amadurecemos e envelhecemos. Nossa jornada por esses estados de existência, como aquela através das mudanças ambientais, é uma viagem ao desconhecido, guiada por nossa garantia de continuidade.

Imortalidade consuma a busca por duração. Múmias, acessórios funerários e monumentos provam o desejo de deixar testemunhas físicas permanentes. Esculturas comemorativas do início do Renascimento, conforme observa Panofsky, mostram que os professores universitários eram os primeiros a insistir “em ser lembrados e não salvos”, talvez ainda na presunção feliz de que a transmissão de conhecimento envolvia um grau incomum de

perpetuidade (Panofsky, 1964, p. 70). A coisa mais nova<sup>11</sup> continua sendo Jeremy Bentham, não apenas em sua presença real na University College de Londres, mas também em seus mais elaborados planos de paisagismo, que exemplificavam sua crença de que a morte deve ser usada pelos vivos: “Se um cavalheiro do campo tinha fileiras de árvores levando à sua morada, os Auto-Ícones [corpos embalsamados] de sua família poderiam revezar com as árvores. Verniz copal protegeria os rostos dos efeitos da chuva, *caoutchouc* [borracha da Índia] as indumentárias” (Bentham, 1842, p. 3).

A durabilidade de muitos artefatos e outros vestígios do passado também engendra um sentimento de acréscimo. O acréscimo é cumulativo: cada ano e cada geração contribuem mais para o cenário. O sentido de acréscimo está enraizado na assimetria temporal. Como no *aevum* (almas angélicas e humanas), de Tomás de Aquino, monumentos e artefatos surgem em momentos particulares, mas podem durar pela eternidade. Erosão e decadência podem arruinar alguns monumentos, mas a acumulação de tempo supera em muito sua dissolução. Mesmo um passado fragmentado pela ruína sugere uma ocupação longa e continuada. Apenas alguma catástrofe repentina, como uma bomba ou uma demolição, verdadeiramente anula as marcas da história.

Os acréscimos de ocupação fazem falta para aqueles que vivem em paisagens que não os tem. Os visitantes americanos, em Hawthorne, admiram uma propriedade inglesa porque “as vidas de todos os sucessivos moradores ganhavam com as vidas de todos que tenham vivido ali até então”, o passado dá vida “comprimento, plenitude, consistência, substância” (Howthorne, 1882, p. 229). Um herói de Henry James considera os Estados Unidos “deploravelmente sem intensidade” em função de sua pouca profundidade no tempo. Ele acha

<sup>11</sup> N. T. “Dernier cri”, no original.



sua casa ancestral em Londres cheia de “itens de duração e testemunho, todas suavizadas com serviços e carregadas com mensagens acumuladas”. O próprio ar de Londres parece maravilhosamente permeado com antiguidades: “eras, gerações, invenções, degradações produziram [o ar de Londres], e [o ar] parecia, onde quer que ele tenha repousado, ter sido filtrado através do leito da história” (James, 1917, p. 32, 65-66).

Mesmo um cenário americano pode render um sentido cumulativo. Ao retornar para Xenia, Ohio, Helen Santmyer encontrou a cidade

imensuravelmente mais rica do que quando eu era criança. São os anos somados que a fizeram assim [...]; a cidade está mais rica em função da vida de uma geração. Desde que eu estive aqui com uma corda de trenó na minha mão aconteceram essas adições: os telhados das casas da cidade protegeram mais meio século. [...] A vida monótona de gerações humanas [...] deram à cena esse peso e densidade (Santmyer, 1962, p. 309).

O passado tangível também resolve nossa necessidade pela qualidade diacrônica da história, “não somente pelo ‘sentimento evocado pela memória do passado’, sugere T. S. Eliot, “mas pela sua presença; [...] um sentido da atemporal bem como do temporal e do atemporal e [...] temporal ao mesmo tempo” (Eliot, 1932, p. 14). Mesmo em sociedades que negam que hoje é diferente de ontem ou consideram tempo como uma replicação incessante usam ritos comemorativos e funerários para misturar o passado com o presente. “*Tjurungas*”<sup>12</sup>, feitas de pedra e madeira, esculpidas pelos Aranda da Austrália central representam

o corpo físico de um determinado ancestral, e geração após geração é entregue à pessoa vivente que se acredita ser a reencarnação desse ancestral. [...] A *tjurunga* fornece a prova

<sup>12</sup> N.T. Uma “*tjurunga*” (ou “*churinga*”) é um objeto de significado religioso para populações aborígenes do grupo Arrernte (Aranda, Arunta), da região central da Austrália.

tangível que o ancestral e seu descendente vivo são uma só carne (Lévi-Strauss, 1966, p. 238, 241).

Lévi-Strauss compara as *tjurungas* aos arquivos ocidentais. Ainda que tenhamos cópias de nossos arquivos, a sua perda seria “um ferimento que golpearia o cerne de nosso ser”; isso privaria nosso passado de seu sabor diacrônico. Da mesma forma que com arquivos, relíquias tangíveis tornam o passado presente e “dão existência física à história”. E ele compara as peregrinações de iniciação dos aborígenes australianos, escoltados por seus sábios, com “nossas excursões monitoradas para a casa de Goethe ou Victor Hugo” (Lévi-Strauss, 1966, p. 241-244). As relíquias que vemos não precisam ser historicamente verdadeiras ou precisas; elas precisam apenas nos convencer de que estamos conectados com alguma coisa que realmente aconteceu no passado.

O passado coletivo não é menos precioso do que o passado pessoal; na verdade, um é uma extensão do outro. O passado é valorizado por suas associações comuns tanto quanto suas associações privadas. Características particulares vem a simbolizar essas lembranças compartilhadas — por exemplo, as efígies de Guy Fawkes e os castelos normandos, nas sebes e *downlands* britânicas; nos Estados Unidos, a torre da igreja na aldeia, a abóbora na varanda, o Sino da Liberdade rachado. Símbolos são duplamente históricos: eles servem para nos lembrar do passado e eles exigem tempo e um passado para se tornar símbolos.

Necessidades coletivas de um passado transcendem aquelas das pessoas. “As sociedades multiplicam as evidências de eras passadas”, afirma Fraisse. “Elas se imortalizam ao pacientemente escrever suas próprias histórias” (Fraisse, 1964, p. 291). Ameaças ao passado põem em perigo a sobrevivência de entidades sociais livres, como alertou Simone Weil. “Uma comunidade tem suas raízes no passado. [...] Nós

Tempo Passado, Lugar Presente: Paisagem e Memória  
David Lowenthal

não possuímos nenhuma outra vida, nenhuma outra seiva viva, além dos tesouros guardados do passado e digerido, assimilado e criado novamente por nós” (Weil, 1971, p. 8, 51).

Em tempos de tensão, as nações resguardam seu legado físico que encarnam seu espírito de comunidade. Quando Roma decretou que Cartago deveria ser destruída, os cartagineses suplicaram aos romanos que “poupassem a cidade” e, ao invés disso, que “nos matassem, aqueles que vocês ordenaram que se mudassem. [...] Descarreguem sua ira sobre os homens, não sobre os templos, deuses, tumbas e uma cidade inocente”. A iconoclastia dos sarracenos, dos Tudors e dos *Communards* objetivavam destruir não somente a idolatria, mas também os emblemas tangíveis da força do inimigo. Os nazistas saquearam a histórica Varsóvia para quebrar os espíritos dos poloneses, que reconstruíram o centro medieval da cidade exatamente como ele fora: “Era nosso dever recuscitá-la. A reconstrução de Varsóvia é o último ato vitorioso na luta contra o inimigo. [...] Nós não queremos uma nova cidade. [...] Nós queríamos a Varsóvia de nossos dias e do futuro continuassem a tradição antiga” (Lorentz, 1966, p. 46-47).

Outras catástrofes evocam como apegos ao tecido do passado. Esforços imensos foram colocados em reconstruir as igrejas de Londres depois do Grande Incêndio. Nicaraguenses estão reestabelecendo sua capital exatamente onde ela estava antes do terremoto de 1972, apesar do permanente risco tectônico; “Managua não está morta”, dizem os cartões-postais, “apenas dormindo”. Em 1965, ameaças de minorias extremistas de explodir a Estátua da Liberdade e o Monumento a Washington justificaram a instalação de pesada segurança para proteger esses santuários.

Patriotismo é um grande estímulo para a preservação e exibição do passado tangível. História na paisagem normalmente significa ideais

nacionais duráveis. A americanização de imigrantes foi feita através de visitas às cenas das grandes façanhas. As paisagens serviam melhor a esses propósitos do que livros, como argumentaram, em 1850, os mantenedores do quartel-general de Washington, em Newburgh:

Se nosso amor à pátria é excitado quando lemos a biografia de nossos heróis revolucionários, [...] quão mais a chama do patriotismo queimarão em nossos corações quando andamos no chão onde foi derramado o sangue de nossos pais ou quando andamos os cenários onde foram concebidas e consumadas suas nobres conquistas.

Da mesma forma, um membro do Congresso dos anos 1960 esperava que a “Trilha da Herança da Nova Inglaterra” (“New England Heritage Trail”) “apresentasse provas visuais, vivas, documentadas, [...] em tijolo e pedra, em morros e praças e cumes e salões [...] que a liberdade sempre esteve nas profundezas da alma do ser do povo americano” (Macdonald, 1962, p. 15).

As nações continuamente reinterpretam aspectos de suas próprias histórias. Aquelas emergindo da subjugação colonial podem achar que respeito próprio exige um longo e glorioso passado, com novas luzes em antigos artefatos. Nesse espírito, antiquários do século dezoito tornaram Stonehenge egípcio, americanos encontraram vestígios vikings na Nova Inglaterra e reivindicam que as artes africanas precedem as assírias. Outros acham que o peso do passado sufoca a criatividade do presente; deste modo, americanos do século dezenove rejeitaram as ruínas europeias e fizeram de sua própria tabula rasa uma virtude. Autoconsciência histórica também tende a nacionalizar o passado, rejeitando sua pilhagem por arqueólogos e colecionadores de outras terras.

Conexões conscientes com o passado tangível afeta profundamente os apreendedores contemporâneos. “Uma garota de dezoito

Tempo Passado, Lugar Presente: Paisagem e Memória  
David Lowenthal

anos”, observou Lynn Thorndike, uma geração atrás, “vestida nas roupas que sua avó vestiu quando era uma garota de dezoito anos, pode parecer mais como sua avó era do que como sua avó parece agora. Mas ela não vai se sentir ou agir como sua avó se sentiu e agiu meio século ou mais atrás” (Thorndike, 1943, p. 66). Ainda que a nostalgia vá mudá-la de outros jeitos, como Panofsky deixa claro:

Se essa garota adotar as roupas de sua avó de uma vez e vesti-las o tempo todo na convicção de que elas estão mais na moda e são mais apropriadas de que aquelas que ela costumava vestir antes, ela vai descobrir que é impossível não adaptar seus movimentos, suas maneiras, sua fala e suas susceptibilidades à sua aparência remodelada. Ela vai passar por uma metamorfose interior que, ainda que não a transforme em uma cópia de sua avó [...] fará com que ela “sinta e aja” diferentemente do jeito que ela fazia quando ela acreditava em calças e casacos polos: suas mudanças de vestuário indicarão — e, mais tarde, servirão para perpetuar — uma mudança de coração (Panofsky, 1970, p. 36-37).

A reversão para os óculos e vestidos de chita da vovó por essa geração sem casacos polo sugere um retorno até mesmo para um passado pessoalmente desconhecido pode indicar um estilo de vida modificado, porém o ritmo da alfaiataria e do espírito de hoje tornam temerário prever perpetuação.

No entanto, o impacto do passado não é sempre admirável: pessoas em várias épocas e lugares sentiram proximidade com relíquias e ruínas corrompidas, o passado em si maligno. O lanque (“*A Connecticut Yankee in King Arthur’s Court*”), de Mark Twain, sucumbe aos miasmas criados pelos cavaleiros eletrocutados do rei Arthur; o herói em “Um sentido de passado” (“*A Sense of the Past*”), de Henry James, está correndo o risco de ser engolido por seus antepassados do século dezoito, sedutores e maus; os sieneses do século quatorze, ao encontrar uma antiga estátua de Vênus, destruíram-na apavorados.

O passado parece especialmente ameaçador quando as pessoas temem deslizar de volta para ele.

Onde o passado é venerado, entretanto, associações com ele parecem conferir ou proteger virtudes, como a peregrinação a um santuário ou proximidade de autópsia de santos em uma igreja. “O mero ato de entrar numa casa histórica”, segundo preservacionistas americanos, iria “produzir uma mudança mística no visitante e torná-lo ‘um homem ou mulher melhores’” (Naulty, 1965, p. 266). História tangível é um tônico que pode dispensar os destemperos da “corrida de ratos” contemporânea. “Venha para Williamsburg. Passe um tempo na Prisão”, insta uma propaganda, enquanto os visitantes sorriem em grilhões do século dezoito; “(a experiência) vai libertá-lo” — livres das responsabilidades diárias do presente.

O passado tangível nem sempre faz jus a essas promessas, mas aqueles incapazes de revisitá-lo ou relembra-lo são mais dolorosamente privados. Amnésicos senis não podem ser separados de seus lugares familiares sem o risco de morte. A perda de memória em função de danos cerebrais priva a vida de significado e desorganiza a personalidade inteira. García Márquez visualiza a condição de uma pessoa em uma vila infectada por amnésia em massa. “As recordações de sua infância começaram a ser apagadas de sua memória, então o nome e as noções das coisas e, finalmente, a identidade das pessoas, [...] até que ele afundou num tipo de estupidez que não tinha passado”. Quando um habitante achou difícil de lembrar como as coisas se chamavam,

ele marcou tudo com seu nome: **mesa, cadeira, relógio, porta, parede, cama, panela**. Ele foi ao curral e marcou os animais e as plantas. [...] Assim, ele passaram a viver em uma realidade que estava indo embora, momentaneamente capturada por palavras, mas que irremediavelmente escaparia quando eles esquecessem os valores das letras escritas. [...] Em todas as casas

## Tempo Passado, Lugar Presente: Paisagem e Memória

David Lowenthal

foram escritas chaves para memorizar objetos e sentimentos. Contudo, o sistema exigia tanta atenção e força moral que muitos sucumbiram à magia de uma realidade imaginária, [...] o truque de ler o passado em fichas quando [eles] já tinham lido o futuro antes. [...] José Arcadio Buendía então decidiu construir uma máquina da memória [...], baseado na possibilidade de rever toda manhã, do começo ao fim, a totalidade do conhecimento adquirido durante a uma vida. Ele a concebeu como um dicionário giratório. (Márquez, 1972, p. 46, 49-50).

Um medo parecido de perder o passado inspirou teólogos e filósofos do final da Idade Média a construir teatros mnemônicos elaborados, microcosmos do mundo e rodas cabalísticas dentro de rodas cabalísticas que poderiam lembrar ao usuário iniciado qualquer coisa no universo (Yates, 1969).

Aqueles privados de suas próprias paisagens passadas podem sofrer de amnésia auto-imposta. Mera sobrevivência pode exigir prisioneiros e migrantes forçados a renunciar memórias de um passado que contrastaria tão pungentemente com o presente, porém rejeição normalmente destrói seu sentido de propósito e valor pessoal; sem o passado, eles não podem prever um futuro que valha a pena ter (Baruk, 1952, p. 13).

### PREFERÊNCIAS PELO PASSADO

As múltiplas vantagens da história tangível, e os custos de renunciar ou esquecer dela, normalmente convence as pessoas de que o passado é uma morada melhor do que o presente. Os idosos em especial cercam-se de recordações, lembranças e outras mobília de suas memórias “para manter a crença em uma realidade que eles uma vez perceberam, mas que, de fato, passou há muito tempo” (Cameron, 1972, p. 193). Preservacionistas, colecionadores de

antiquidades e reprodutores de períodos usam cenários passados como isolamento contra o presente sombrio. Prince observa que “o dano compartilhado por Wordsworth e Byron, por Dickens e Scott, por William Morris e Oscar Wilde, por George Orwell e Evelyn Waugh [...] é que tudo sendo feito na paisagem presente é pior do que qualquer coisa feita no passado” (Prince, 1973, p. 20-21). Como coloca Betjeman, “quase todos os períodos parecem civilizados, menos aquele no qual eu vivo” (Betjeman, 1960, p. 56).

O sentimento é caracteristicamente — ainda que não exclusivamente — inglês. Como notamos em outro lugar, “a resistência inglesa às mudanças, a relutância inglesa em perturbar paisagem ou uma paisagem urbana relíquias, deriva de uma aversão positiva ao contemporâneo” (Lowenthal; Prince, 1965, p. 207). Thomas Sharp sente que “dificilmente uma coisa decente parece ter sido feito na paisagem aqui por algo próximo de cem anos” (Sharp, 1938, p. 142), ao passo que Selwyn afirma que “não consigo pensar em um único prédio moderno do qual eu goste” (Lloyd, 1964), um queixoso Bernard Levin reitera: a moderna arquitetura de Londres está “sem esperança”, “completamente desprovido de distinção”, “vigorosamente vil” (Levin, 1973). Na visão dominante, “prédios antigos são todos bonitos, sólidos, sensíveis, cheios de caráter; novos prédios feios, de má qualidade, impróprio para os fins e anônimos” (Aldous, 1973). Um profissional critica dizendo que “nós realmente queremos nossos arquitetos produzam prédios que sejam cópias cômodas do passado” (Gibberd, 1974). Um repórter descobriu na casa de Wiltshire do noivo da princesa Anne “o inequívoco selo da nobreza inglesa. Nada parecia novo” (Peters, 1973).

O passado não é somente mais prazeroso do que o presente, ele também é mais instrutivo; arqueólogos têm destruído hoje para chegar até ontem pelo menos desde Thomas à Wood, ávido por

reliquias romanas, ironizando que os Companheiros de Merton “não me deixariam viver na faculdade, por medo de que eu deveria pô-la abaixo procurando por Antiguidades”.

A preferência pelo passado é uma consequência natural da substituição, sugere Nigel Dennis. “O carro que nós tínhamos sempre é aquele que ligava numa fria manhã de inverno: nós tínhamos que comprar um novo carro pra apreciar esse fato. [...] O monumento para um presidente passado é construído quase automaticamente pela mera existência de seu sucessor” (Dennis, 1960, p. 161-162). Dennis conjurou um bar, ara aqueles que procuram por “recapitulação espiritual”, no qual se reuniam os entusiastas de

caligrafia medieval, complicando para o carteiro com seus endereços da Renascença. [...] Alguns vestiam chapéus-coco pequenos e curvados e chegavam ao bar, não importando o tempo, em carros de turismo que tinham sido construídos nos anos 1920: eles bebiam suas cervejas em velhos “*moustache-cups*”. Muitos eram jardineiros e plantariam apenas rosas que não tinham sido vistas por séculos: eles estavam em paz com aqueles que colecionavam antigos florins e plantavam uvas em solos argilosos. [...] Cobrindo todos os períodos dos Tomistas aos Eduardianos e rejeitando nada a não ser o mal-estar do presente (Dennis, 1960, p. 171).

Enquanto afortunados participantes de cerimônias obsoletas marcham em procissão em direção ao passado, o espectador “chora monotonamente ao pensar que ele está ligado ao presente sempre miserável” (Dennis, 1960, p. 353).

Mas o presente não está sozinho em sua vontade exagerada pelo passado tangível. Um apetite por cidades arruinadas remonta ao imperador Caracala, que, num frenesi vitorioso em Ilium acreditando ter encontrado Tróia, imitou Aquiles acendendo uma pira funerária para seu próprio “Pátroclo” (morto na hora a propósito) e, então, imitou Alexandre, correndo pelado com seu séquito ao redor do

túmulo do herói (Chandler apud Macaulay, 1953, p. 40-41). Petrarca acreditava que “depois de a escuridão ter sido dissipada, nossos netos serão capazes de voltar ao esplendor do passado” (Petrarca apud Mommsen, 1972, p. 240). Raymond Williams mostra que sucessivas “velhas Inglaterras” foram amadas por todas as eras subsequentes: retrospectivas remodelam e adornam um tempo supostamente mais feliz, conectado ora com o campo, ora com a vida de aldeia, ora com a infância.

As reliquias pré-históricas constituem outra faceta das preferências pelo passado tangível. Tais artefatos foram considerados valiosos como evidências da antiguidade, mas sua valorização como objetos estéticos é recente. Uma geração atrás, muitos curadores de artefatos primitivos se preocupavam pouco com seu apelo visual; eles exibiam os artefatos para alardear sua quantidade ou para ensinar etnografia. Hoje, artefatos etnográficos são mostrados como obras de arte, realçados para permitir ao menos conhecedor dos espectadores apreciar suas qualidades estéticas. A implicação é que esses artefatos primitivos são bonitos porque eles são antigos.

Nossa admiração por artefatos antigos vai além dos pórticos dos museus, até as joalherias. O panfleto “*Millennia*”, de 1973, da Garrard, anuncia pontas de flecha, lâminas, sovelas e micrólitos de pedra do Saara, “reliquias do passado mais remoto do homem”, combinado com broches e abotoadoras de ouro e diamante: “duas grandes habilidades combinadas através de um abismo de dez mil anos”. Cada peça é “verdadeiramente única — já que dois artefatos não podem ser idênticos”. As joias do “*Millennia*” não são apenas peças de colecionadores, elas têm uma “beleza singular”.

O artefato de pedra em cada peça do *Millennia* é um exemplo genuíno das primeiras tentativas práticas do homem de melhorar seu estado primitivo original. É significativo que muitos dos

## Tempo Passado, Lugar Presente: Paisagem e Memória

David Lowenthal

acessórios em nossa coleção tiveram mais atenção dispensada a eles do que era estritamente necessário, testemunha silente do esforço na aurora do homem em obter prazer estético de seu próprio trabalho manual [...] cada um meticulosamente criado com uma perícia desaparecida.

Aqui convergem muitos elementos no apetite pelo passado remoto: antiguidade, singularidade, raridade, evidência artificial do homem primitivo, técnicas irrecuperáveis e a noção de que qualquer coisa muito velha deve ter sido criada com beleza na mente.

Muito de nosso prazer estético com o passado repousa na crença de que tais objetos realmente vêm do passado remoto. Conseqüentemente, a Garrard fornece “um certificado de autenticidade”. Conseqüentemente, os anúncios das esculturas de peltre dos “Artesãos Coloniais”, de Bailey Banks e Biddle, enfatizam “os potes de feijão e a fantasia de Oleiro corretamente estilizados”. Conseqüentemente, a série “America Remembers”, de Wallace Silversmith, alardeia “atenção excepcional aos detalhes e à autenticidade”; numa cena de batalha cerrada de John Paul Jones seu uniforme “até os emblemas em seus *buttons* são precisos”.

Porém a confluência do primitivo com o moderno, todas as culturas e os períodos vistos juntos, pode fazer do passado um mercado de pulgas. Em Santa Fé, Novo México, “aspiradores de pó humanos andam por aí sugando elementos de todas as culturas diferentes que estão misturadas por aqui”. O Homem de Santa Fé se originou, digamos, em Toledo, Ohio, mas agora

vive em uma casa de adobe, com paredes grossas, tratadas com lama marrom escura [...] [e] um portão pequeno, em estilo espanhol. [...] Ele usa sandálias, come em tigelas feitas de barro e vive em meio ao que pode ser confundido com o sítio de uma escavação arqueológica. Na casa de adobe, abundam artefatos — jarros *Zuñi*, bonecas *kachina*, pratos dos *Pueblos*, fotografias de Índios com aparência sombria (a maioria de perfil), cobertores

de cores vivas, pedaços de joalheria de prata. [...] Um violão ou dois podem estar apoiados na parede. Ele e a Mulher de Santa Fé usando uma imensa saia franzida, com quem ele divide a casa, falam em gírias em parte vindas dos Conquistadores espanhóis, parte Po-Pe, parte Expressionismo Abstrato e parte Remanescente de Toledo (Hamburger, 1965, p. 285-286).

Na verdade, este é o “homem sem mito”, de Nietzsche, “[que] está eternamente faminto, rodeado por todas as eras passadas, que cava e desenterra raízes, mesmo que ela tenha que cavar por elas junto com as antiguidades mais antigas” (Nietzsche, 1968, p. 136).

A qualidade estética atribuída aos artefatos primitivos deriva ao mesmo tempo de uma associação de antigo e natural e um reconhecido abismo entre nossa perspectiva e aquela de seus criadores. Nós atribuímos beleza à maioria das criações iniciais porque assumimos que aqueles que as fizeram também acreditavam nisso e que devemos adotar o julgamento que atribuímos a eles.

Este argumento reflete duas visões penetrantes. Um que diz que povos primitivos, diferente de nós mesmos, somente criavam artefatos que eles mesmos achavam bonitos. Nós romantizamos o passado primitivo como uma era quando o homem vivia em harmonia com a natureza e consigo mesmo, quando tecnologia e arte eram uma e a mesma. No presente, por contraste, consideramos que coisas úteis são geralmente feias ou banais e são postas de lado frente a criações puramente estéticas feitas para museus e colecionadores.

Uma segunda assunção deriva de relativismo cultural e social, da democratização da arte e da desconfiança do intelecto. Hoje em dia a apreciação reside mais em entendimento existencial do que em entendimento histórico e criações anônimas têm um apelo populista. Uma afinidade aparente com a arte contemporânea nos convence

ainda mais de que artefatos antigos lança um apelo arquetípico aos nossos mais profundos e mais verdadeiros instintos.

A preferência pelo primitivo se estende a aspectos na paisagem, criados intencionalmente ou de outra forma. Nós tomamos como certo que a totalidade das pinturas na caverna Lascaux foi criação deliberada de artistas do Paleolítico, embora um contemporâneo pudesse imaginar que as flechas fossem trabalho de vândalos ou arranhões indolentes de rabiscadores. Nós supomos que os construtores de Stonehenge enxergavam sua obra com nossa admiração estética, intensificada por suas crenças metafísicas.

O antigo culto sentimental às antiguidades pitorescas está quase extinto, mas nós não temos menos prazer com o passado. O viajante vitoriano apreciava um castelo antigo, um arco arruinado, um jarro antigo pelos sentimentos e associações históricas que eles evocam; o espectador moderno acha que [os artefatos] ressoam com seu sentido de inefabilidade. Ambos os espectadores admiram a cena porque ela sobreviveu a, ou reflete, um passado que eles foram ensinados que é diferente de, e talvez preferível a, o presente.

Além de tais preferências jazem preconceitos ainda mais exagerados em favor do passado tangível. Algumas pessoas se rodeiam com ele. Outros são incapazes de jogar coisas fora, como a mulher que guardava uma sacola cuidadosamente embalada com a etiqueta dizendo “pedaços de barbante muito curtos pra usar” ou o homem que nunca jogava nada fora e, então, acumulou milhares de potes com seus próprios excrementos. “Retroactive Existence of Mr. Juggins”, de Stephen Leacock (1918, p. 161-168), ilustra o apego patológico ao passado. Como faz também o juiz de Nigel Dennis, cujo resumo nunca acabava e tinha que ser relembrado todo dia, fazendo com que cada sumário fosse cada vez mais longe e demorasse mais: “não importando o fato de que ele já estava enterrado no passado, [ele] invariavelmente agia como se aquele passado fosse um objetivo

distante, no futuro, que ele desistiu de alcançar” (Dennis, 1960, p.100-101). Aqueles que acreditam que são reencarnações de pessoas mortas há tempos estão similarmente ligados episodicamente a um passado tangível.

### NEGANDO O PASSADO

O anverso patológico de viver no passado é negá-lo. Como as Danaides, do reino do Lete, eternamente condenadas a derramar água em um recipiente furado, aqueles que não podem lembrar permanecem para sempre vazios.

Ninguém pode lembrar nem mesmo todo o seu próprio passado, porém nós também esquecemos seletivamente eventos e cenas desagradáveis. A inabilidade de lembrar memórias reprimidas nos escraviza a padrões de comportamento ultrapassados, se não proscritos. Édipo sofre as consequências fatídicas de tal descontinuidade temporal; tendo perdido sua identidade passada, ele está condenado a assassinar seu pai e casar com sua mãe porque ele não sabe quem eles são (Meyerhoff, 1955, p. 51-52; Schachtel, 1959, p. 321-322).

Os efeitos numa cidade, numa região, num país que nega a presença do passado não são menos traumáticos. A Nova York, de Henry James, parecia ter aniquilado deliberadamente a antiguidade, para construir nada além de substitutos provisórios; suas ruas e torres não podiam deixar

qualquer “amor pelo velho” passar não-desprezado uma vez sequer. [...] O segredo para manter associações à distância [...] é não sofrê-la tanto pra começar. [...] Nós te desafiamos até mesmo a desejar venerar formas tão grosseiramente construídas como o arranjo em cinquenta andares. [...] Como se pode ter um sentimento de manutenção com um elevador velho? [...] O rico sabor da história está proibido (James, 1968, p. 110-113).

Uma definição mais definitiva de coisas passadas afeta a Los Angeles de Alison Lurie, que “faltava a dimensão do tempo. [...] Pior e mais amedrontador não havia passado ou futuro — apenas um eterno presente vertiginoso. Com efeito, a cidade banuiu historiadores como Platão banuiu poetas de sua República” (Lurie, 1966, p. 267).

A rejeição ou a repressão de histórias pessoais pode inspirar um intenso interesse em passados mais remotos. Os mórmons, com sua mentalidade presente, os menos nostálgicos dos americanos, dedicam muito de suas vidas e suas paisagens à pesquisa genealógicas a fim de “salvar” seus antecessores através do batismo póstumo. As abóbadas do Templo Mórmon, em uma montanha de granito, próxima a Salt Lake City, guardam microfilmes de parentescos de milhões de membros. Da mesma forma, as raízes de vários jovens separados de sua família e infância são ligadas a escavações arqueológicas. As descobertas ou posses verdadeiras de artefatos que encarnam a antiguidade pode se tornar um substituto para suas próprias experiências rejeitadas. Ter um pedaço do passado tangível pode ser uma forma crucial de conexão, como sustenta Auberon Waugh.

Quando eu penso em minha própria alegria feroz ao comprar uma moeda romana, quando tinha 15 anos, e em minhas pesquisas frenéticas sobre o obscuro imperador do quarto século retratado nela, não pode haver dúvida em minha mente de que ela serviu a propósitos muito mais úteis do que teria em um museu. [...] Existem antiguidades suficientes para ficar procurando entre aqueles que as encobrem (Waugh, 1973, p. 220).

Note os termos “cobiçar”, “alegria feroz”, “pesquisas frenéticas” — mais apropriados a uma busca pessoal apaixonada do que a um estudo histórico imparcial. A tangibilidade investe antiguidade com efeitos poderosos.

Freud mostra como o compromisso com a arqueologia pode refletir a repressão do próprio passado e como “trazendo de volta o passado à vida” substitui as memórias conscientes da infância. Seu “Delusion and Dream” é uma análise do romance “Gadiva: A Pompeian Fancy”, de Wilhelm Jensen. O herói arqueólogo de Jensen, um solitário bacharel alemão, está fascinado por um gracioso e realista baixo-relevo clássico de uma jovem mulher que ele enxerga caminhando em Pompéia. Enquanto ele contempla seu molde de gesso da moça, a quem ele chama de “Gradiva”,

o ambiente imediato e mais remoto da moça apareceu diante [dele] como uma atualidade. Isso criou para ele, com a ajuda de seu conhecimento sobre a antiguidade, o panorama de uma longa rua, entre as casas da qual estavam muitos templos e pórticos, [...] cores vivas, alegremente pintadas em superfícies de paredes, pilares com capiteis vermelhos e amarelos (Freud, 1956, p. 150).

Na distância “pairava o Monte Vesúvio, ainda não em sua forma cônica e aridez marrom atuais, mas coberto até seu sulcado e rochoso pico com uma folhagem reluzente” (Freud, 1956, p. 159). Para ele, o presente era tão monótono quando o passado era vívido; pois em “seus sentimentos mármore e bronze não estavam mortos, mas, ao invés, a única coisa realmente vital que expressava o propósito e o valor da vida humana; e, então, ele sentou em meio às suas paredes, livros e quadros, sem nenhuma necessidade de qualquer outra relação” (Freud, 1956, p. 179).

Capturado pelo impulso, ele vai a Pompéia e perambula por entre as ruínas. Mas a ciência “meramente corroe a casca seca da fruta do conhecimento sem revelar nada de seu conteúdo. [...] O que isso nos ensinou foi uma visão arqueológica sem vida”. Ao invés disso, alguém “tinha que ficar aqui sozinho, por entre os restos do passado.



[...] Em seguida, o sol dissolve a rigidez sepulcral das velhas pedras, uma excitação brilhante passa através delas, os mortos acordam e Pompéia volta à vida” (Freud, 1956, p. 216). Nesse momento ele descobre sua Gradiva viva; ela se torna uma velha amiga de infância que ele tinha ignorado por muito tempo em casa. “Você não se lembra?”, ela lhe pergunta, a fim de despertar suas primeiras memórias. “Me parece que, certa vez, nós comemos nossos pães juntos como fazemos agora, há dois mil anos atrás. [...] Pensar que uma pessoa deve primeiro morrer para então se tornar vivo; mas para arqueólogos isto é necessário, eu suponho” (Freud, 1956, p. 230). Antiguidade histórica é sua infância esquecida; o passado reprimido é escavado intacto das cinzas do Vesúvio.

O próprio Freud era um apaixonado colecionador de antiguidades e matinha seus últimos achados em visualização constante. Ele era, também, profundamente curioso sobre a vida cotidiana e sobre a paisagem do passado, especialmente das antiguidades clássica e egípcia. Ele frequentemente enfatizava que seu trabalho psicanalítico lembrava arqueologia; ambos buscavam reconstruir o passado a partir de artefatos ou memória submergidos “que tinha de algum modo preservado suas formas e mesmo suas vidas apesar de seus aparentes desaparecimentos” (Jones, 1953-1957, p. 318). A partir de sua autoanálise, Freud escreveu: “É como se Schliemann tivesse escavado Tróia novamente, que era considerada um mito antes dele” (Bernfeld, 1951, p. 112).

Depois da análise da história de Jensen, Freud encontrou o protótipo grego do baixo-relevo de Gradiva no museu do Vaticano e pendurou uma cópia dele em seu consultório para simbolizar a interpenetração da memória e dos artefatos, das paisagens da mente e do passado. De acordo com Ernest Jones, tornou-se elegante para outros analistas ter cópias em suas paredes também (Jones, 1953-1957, p. 342). Então agora o passado é grandemente comemorado.

## RECONSTRUINDO O PASSADO

Através da consciência do passado nós aprendemos a reconstruirmos nós mesmos. Através da consciência de nossa própria experiência nós também remodelamos o passado e substituímos o que está o tempo todo sendo alterado e perdido.

## O PASSADO IRRECUPERÁVEL

A contínua adição ao passado tangível é contrabalanceada por sua contínua perda, tanto física quanto simbólica. Nossas paisagens passadas diretas serão menos consequentes para nossos descendentes, para quem **nosso** futuro iminente terá se tornado um elemento importante de **seus** passados. Na frase de Becker,

todos os nossos dias passados diminuem e se obscurecem: [...] na perspectiva prolongada dos séculos, mesmo os eventos mais impressionantes [...] tem que, inevitavelmente, para a posteridade, desaparecer em pálidas réplicas do quadro original, para cada geração sucessiva perdendo, conforme se retraem para um passado mais distante, algumas significações que antes foram observadas nelas, algumas qualidades de encantamento que uma vez tenham sido delas.

O lugar do passado em qualquer paisagem é tanto o produto do interesse presente quanto da história passada. O grau em que a sobrevivência do passado depende de nossa memória dele é evidente no mítico Tlön, de Borges, onde todas as coisas “tendem a se tornar apagadas e perder seus detalhes quando elas são esquecidas. Um exemplo clássico é a soleira da porta que sobreviveu por tanto tempo enquanto era visitada por um pedinte e desapareceu após sua morte. Às vezes alguns pássaros, um cavalo, salvaram as ruínas de um anfiteatro” (Borges, 1970, p. 39).

Diferentemente de lugares que são geograficamente remotos, o que está distante no tempo está inacessível para sempre. Nem nós podemos apreender completamente o passado através de pesquisa; porque ele desapareceu, nossas ideias sobre ele “nunca podem ser verificadas como verificamos nossas hipóteses científicas”, por observação e experimentos.

O passado simplesmente como passado é totalmente desconhecido; é o passado residualmente preservado que é unicamente cognoscível. [...] O passado às vezes existindo por si só [...] [implicaria] um mundo onde o peso de Galileu ainda está caindo, onde a fumaça da Roma de Nero ainda preenche o ar claro e onde o homem interglacial ainda está trabalhosamente aprendendo a desgastar pedras [...] — [um] limbo, onde os eventos que já tinham acabado continuavam acontecendo. (Collingwood, 1956, p. 5; 1969, p. 520-521).

Ceticismo acrescenta dúvidas a cuidados idealistas. Nós nunca podemos ter certeza que o que pensamos que sabemos sobre o passado corresponde a qualquer realidade passada. Por tudo o que sabemos, sugere Russell, o planeta foi criado há cinco minutos atrás com a população que lembra um passado ilusório (Russell, 1921, p. 159). Ou um passado fictício pode substituir outro em nossas memórias, como Borges descreveu, “um passado do qual nada sabemos com certeza — nem mesmo que ele é falso” (Borges, 1970, p. 42-43). O entendimento dos ilhéus de Trodiand de que todos os eventos passados, reais ou míticos, pertencem não a uma fase anterior do presente, mas a uma ordem totalmente diferente de tempo (Lee, 1949, p. 405), se trata de uma filosofia mais realista que a nossa própria.

O passado é também um reino ilusório que nós experienciamos fugazmente — menos para almas raras como Proust, para quem o presente era, pelo contrário, uma miragem. “A principal razão

porque o passado é tão fraco é a força extraordinária do presente”, explica Carne-Ross.

Tentar agora alcançar um “sentido de passado” real é como olhar para fora de um quarto iluminado no crepúsculo. Parece haver alguma coisa lá fora no jardim, as formas indefinidas de árvores movimentando-se na brisa, a sugestão de um caminho, talvez o vislumbre de água. Ou há apenas um quadro pintado na janela, como as Fúrias na peça de Eliot? Não há nada lá fora e será o quarto iluminado a única realidade? (Carne-Ross, 1969, p. 241)

Essas dúvidas nos relembram das réplicas de paisagens de Magritte vistas através de janelas quebradas e suas imagens ainda mais evocativas de suas cavernas de memória.

#### O PASSADO OSTENSIVO

O passado que conhecemos não é, em nenhum caso, um presente que tenha sido experienciado. “A diferença entre o presente e o passado”, Eliot observa, “é que o presente sensível é uma consciência do passado, de certa forma, e de uma forma que a própria consciência do passado não pode mostrar” (Eliot, 1932, p. 16). Nós interpretamos o presente em andamento enquanto vivemos através dele, enquanto que ficamos do lado de fora do passado e vemos suas operações acabadas, vendo-o não somente como ele mesmo mas em suas implicações para o futuro conhecido. Drenagens de pântanos antigas são interpretadas como parte de uma história que culminou em trabalhos subsequentes, assim como exposições retrospectivas nos capacita a ver como um trabalho inicial de um pintor prefigura seus últimos.

O modo como visualizamos cenas iniciais é inevitavelmente deficiente, no entanto, porque o próprio “sentimento evocado

pela memória<sup>13</sup> do passado impede sua reprodução exata. O que para nós são objetos históricos embutidos no, mas diferente de, nosso próprio presente eram originalmente uma parte do tecido da paisagem contemporânea de outra pessoa. Nós esperamos que a maioria dos artefatos mostrem sinais de desgaste e envelhecimento; a aparência sem marcas que eles devem ter tido a princípio os furtaria de sua antiguidade e, portanto, de verossimilhança. Os empresários que transplantaram a Ponte de Londres para, em Havasu, no deserto do Arizona ficaram consternados quando o ar limpo e seco limpou a sujeira e a fuligem acumulada nas pedras; agora envelhecimento artificial é necessário para manter a ponte parecendo adequadamente velha (Bowen, 1972, p. 2).

Porque nós sentimos que coisas antigas devem parecer velhas, podemos esquecer que eles originalmente pareciam novos. Um fabricante americano capitalizando na moda “colonial” reproduziu fielmente papéis-de-parede de casas antigas, copiando não somente os padrões, mas as cores desbotadas. A aparência desgastada pelo tempo dessas réplicas sem graça e encardidas as fazem parecer mais convincentemente coloniais do que cópias usando suas cores novas fariam.

Um elemento de mistério e incerteza distingue o passado do presente. Nós esperamos que o passado não seja preciso ou específico, mas, pelo contrário, que seja vago e incompleto, esperando para ser completado por nossas próprias imaginações. Na medida em que novas descobertas corrigirão interpretações presentes, embalsamar a visão de qualquer um viola, ao mesmo tempo, a verdade histórica e a verossimilhança. Lynch observa que

<sup>13</sup> N.T. “Pastness”, no original.

um perigo na preservação do ambiente reside em seu próprio poder de encapsular alguma imagem do passado, uma imagem que pode, em tempo, provar ser mítica ou irrelevante. Nós esperaríamos ver visões conflitantes do passado, baseado em valores conflitantes do presente (Lynch, 1972, p. 53).

Portanto, museus ambientais podem mostrar visões divergentes de ianques e irlandeses sobre como era Boston, digamos, na década de 1850 (Lynch, 1972, p. 53).

Mas a necessidade de dúvida vai além dessas diferenças. Os próprios contornos do passado tangível deveriam provocar um sentido de incerteza, as mesmas apresentações deveriam provocar percepções divergentes. De outra forma, o passado é muito estático para ser crível. Um celeiro reconstruído com tecnologia romana e materiais apropriadamente envelhecidos ainda assim parece errado, porque suas especificidades destroem nossa visão flexível do passado. A reconstrução fixa e congela uma imagem particular, contornando a imaginação. Nós precisamos ter certeza de que estamos lidando com o passado atual, não com um simulacro moderno.

A virtude de ambiguidade é a lição de “Time Out”, de David Ely. A Grã-Bretanha é destruída num holocausto nuclear; americanos e russos colaboram na sua restauração e a repovoam de forma que ninguém saberá que o acidente aconteceu. Eles substituem todas as cidades e prédios, todo graveto e pedra, fabricam um íterim histórico, documentos e artefatos plausíveis para fundamentar tudo. O protagonista de Ely inventaria erros históricos, forjando um diário do Rei John, com “reflexões amargas sobre os barões de Runnymede, quarenta e três sonetos de amor por Isaac Newton”, provas “de que Gladstone foi um bígamo e [...] que Cromwell era uma mulher” (Ely, 1968, p. 115-116). Sem tais discrepâncias, sem “documentos antigos

[que] continuariam reaparecendo de tempos em tempos em áticos de solares, em velhos baús e armários ou enfiados em buracos nas paredes” (Ely, 1968, p. 119), a história estaria congelada.

Pesquisa se tornará sem sentido. Nada novo será encontrado, naturalmente. De onde virão os doutorados? [...] Quem vai querer dedicar suas carreiras a essa história? [...] Mesmo, quem querará estudá-la? Ninguém. E finalmente, quem acreditará nela? (Ely, 1968, 126).

Sem um passado flexível e alterável, as futuras gerações podem duvidar da realidade de seu presente.

### O PASSADO ALTERADO

O passado tangível é alterado principalmente para fazer a história conforme com a memória. A memória não só conserva o passado mas ajusta recordações para necessidades atuais. Ao invés de lembrar exatamente o que foi, nós tornamos o passado inteligível à luz de circunstância presente. “Memória é o grande organizador da consciência”, escreve Susanne Langer. Cenas, eventos, pessoas e coisas que eram ambíguas ou inconsistentes se tornam coerentes, francos, claros. “A experiência real é um tumulto de vistas, sons, sentimentos, esforços físicos, expectativas e reações minúsculas, pouco desenvolvidas. Memória [...] simplifica e compõe nossas percepções” (Langer, 1953, p. 263).

Acima de tudo, a memória transforma o passado que nós conhecemos naquilo que pensamos que ele deveria ter sido. Lembranças seletivas eliminam cenas indesejadas, realça as favoritas e as torna organizadas e adequadas. Uma cidade pode ser lembrada enganosamente como uniformemente gelada e varrida pelo vento, se nossa experiência mais memorável ali foi uma nevasca.

Nós mascaramos diversidade e desmanchamos inúmeras imagens desiguais em umas poucas dominantes.

Imagens lembradas também remodelam sequências temporais. Nós podemos lembrar a ordem de cidades e vilas visitadas somente retrazando nossa rota num mapa. “Nós usamos nosso conhecimento para alocar nossas memórias”, como anota Fraise, “e apresentar os fatos na ordem em que eles deveriam ter acontecido” (Fraise, 1964, p. 191). Qualquer coisa antes de nossa própria chegada em uma cena corre o risco de condensação no tempo, como retratos históricos com Dante e Virgílio conversando lado-a-lado, recepcionistas de Williamsburg “colonial” em crinolinas do século dezanove e o convite para “vestir seus trajes vitorianos” para a Feira de Prazeres da Renascença, na Califórnia.

Muitos se lembram de traumas históricos como se o passado e o presente fossem contemporâneos. Para um patriota irlandês, o comportamento de Cromwell, o Ato de União e a Fome de 1847 são eventos tão vívidos e reais quanto os atuais. Traços mnemônicos de Willian de Orange e do papa (isto é, um papa estereotipado de um século passado) aparecem como um grafite nas paisagens públicas de Belfast e Liverpool. Isolamento, tanto quanto paixão, fundem passado e presente. O mundo imediato de povos em pequenas ilhas das Índias Ocidentais inclui ancestrais falecidos há muito e seus ambientes juntamente com seu presente vivo.

Lugares lembrados convergem da mesma forma. Uma contagem de cenas sucessivas logo fica reduzida a uma ou duas, lembradas com as características distintivas e as características genéricas de todas elas. O visitante à Grã-Bretanha do ano passado agora mistura as faculdades de Oxbridge, atribuem tudo o que viram em Winchester a Salisbury, transforma Exmoor em Dartmoor e compreende os South Downs como parte da “lowlands” escocesas.

O passado lembrado é, também, uma paisagem mais enfática do que aquela experienciada hoje. Tanto quanto nós esquecemos ou omitimos cenas que falharam em nos impressionar, nós também exageramos aquelas que conseguiram. Recordação acentua “qualquer característica”, conclui Hunter,

que nos impressionaram especialmente no momento da percepção. Se a grandeza de um objeto nos impressionou, nós [...] [o] recordamos como sendo maior do que ele realmente é: da mesma forma com objetos que nos impressionam por serem especialmente pequenos ou coloridos ou frágeis. [...] Com recordações repetidas há uma tendência a cada vez mais e mais acentuação dessas características dominantes (Hunter, 1964, p. 279).

As marcas de objetos incomuns ajudaram a inspirar a clássica arte de memorização. De acordo com um texto romano do primeiro século,

quando nós vemos na vida cotidiana coisas que são insignificantes, ordinários e banais, geralmente nós falhamos em nos lembrarmos delas, porque a mente não está sendo excitada por nada singular ou maravilhoso. Mas se vemos ou ouvimos alguma coisa excepcionalmente vil, desonroso, incomum, notável, inacreditável ou ridículo, isso estamos propensos a lembrar por um longo tempo (Herenniun apud Yates, 1969, p. 25).

Para treinar a memória a pessoa deve, por consequência, chamar a atenção para imagens impressionantes, vívidas, até mesmo grotescas. A mesma receita de memória serviu a Tomás de Aquino: “nós nos espantamos mais com coisas não-familiares”, escreveu, “e a alma é contida mais forte e veementemente por elas”. Que muitas dessas cenas impressionantes eram pecadoras ou libidinosas, estimulando, posteriormente, iconoclastas puritanos a livrar a mente, bem como as paisagens, de imagens esculpidas (Aquino apud Yates, 1969, p. 85).

Vestígios tangíveis, como traços de memória, tendem a apresentar os trabalhos mais impressionantes do homem e da natureza e, conseqüentemente, exagerar a proeminência de ambientes passados. Estruturas que são salvas estão aptas a “ser as mais caras ou mais imponentes ou mais simbólicas de algum período clássico”. Ambientes preservados, nota Lynch, “cria uma visão distorcida do passado uma vez que eles são compostos de prédios de classes prósperas em tempos prósperos (Lynch, 1972, p. 31). A paisagem pré-histórica imaginada similarmente tende a ser totalmente Stonehenge e Knossos, com pouco espaço para o cenário monótono.

Contudo, o passado lembrado é, da mesma forma, uma paisagem empobrecida; os pináculos que capturam nossa atenção se levantam numa planície vazia. Não são, sobretudo, as cenas e os eventos de que nos lembramos, mas suas ordem e localização. Na visão de Schachtel, a maioria

da memória reflete mais a vida como uma estrada com ocasionais placas e marcos quilométricos do que como a paisagem através da qual essa estrada conduziu. Os marcos quilométricos são as medidas de tempo [...]. As placas representam os eventos marcantes [...]— entrando na universidade, o primeiro emprego, casamento, [...] uma celebração familiar, uma viagem. Mas não são os eventos que são lembrados [...], somente o fato que [eles] acontecem [...]. Mesmo os eventos mais “emocionantes” são lembrados mais como marcos quilométricos do que como momentos repletos com a abundância concreta da vida (Satchel, 1959, p. 287).

O esgotamento da memória sensível faz o passado tangível duplamente importante, tanto como marcos quilométricos e como estímulos por experiências passadas.

Nós constantemente reformamos cenas históricas, como fazemos com nossas memórias, para encaixar em estereótipos presentes. O que foi natural ou habitual para nossos antepassados nós

podemos rejeitar como artificial ou empolado. Por exemplo, guardiões de alguns edifícios do século dezoito substituem as fileiras de cadeiras com disposições mais casuais, mas eles conseguem a aparência de “vivido” às custas de acurácia histórica. Restauradores entusiasmados abrem mão da autenticidade em nome de “efeitos charmosos e ricos, condizentes com [...] o gosto do decorador moderno. O resultado é que a maioria das casas restauradas parecem que tiveram todas o mesmo decorador. Elas são todas [...] *Williamsburguesadas*<sup>14</sup>. Os móveis tendem a ser ‘negociados’ com museus de calibre” (Huxtable, 1972, p. 222).

Impressões populares sobre o passado, como as da elite, correspondem pouco com os fatos da geografia histórica. Como um quadro de seu passado tangível a maioria dos americanos descartaria “Mirror for Americans”, de Ralph Brown, em favor de fachadas “coloniais” suburbanas, texto publicitário de Williamsburg e prosa de menu de Yankee Doodle.

O passado cintila à luz do presente. Quantos dos buracos no chão eram pós-buracos de uma antiga estrutura? A escolha do arqueólogo depende parcialmente de seu próprio viés em direção a padrões circulares ou retangulares. Ênfase cultural também molda paisagens escavadas: as escavações de arqueólogos exibem seus próprios estereótipos nacionais sobre o passado.

Miopia histórica tanto modifica datas quanto altera relíquias. Cronologia bíblica há tempos blindou os fiéis para evidências paleolíticas: o utensílio de sílex encontrado com restos de animais extintos na Caverna de Kent, em Torquay, nos anos 1820, simplesmente não podiam ser paleolítico, e portanto supôs-se que

14 N.T. “*Williamsburged*”, no original, em referência à cidade colonial turística de Williamsburg.

ele tinha caído por buracos em fornos inexistentes de uma data presumivelmente mais recente.

Mais comumente, um desejo de empurrar para trás o amanhecer nacional envelhece o passado tangível. Eruditos britânicos até o século dezenove atribuíam origens druidas, fenícias, troianas e gregas para aterros e destroços monumentais encontrados nas Ilhas Britânicas. Stukeley fez de Stonehenge e Avebury druidas; Vallencey encontrou inscrições cadmias e egípcias em um templo de Mitra, no sítio megalítico irlandês de New Grange (Daniel, 1964, p.20-24, 43).

Uma necessidade semelhante para uma história mais antiga dotou os Estados Unidos com uma paisagem pré-colombiana completa — relíquias e artefatos de tribos perdidas de Israel, vikings, santos irlandeses e polinésios. Em Mystery Hill, North Salem, no estado de Massachusetts, o que se parece com um cruzamento entre um jardim ornamental altamente negligenciado, dependências desocupadas de fazendas e as ruínas de uma insensatez, completa com memórias de fantasmas de *fogous*<sup>15</sup> da Cornualha, Grimspound<sup>16</sup>, *souterrains*<sup>17</sup> franceses e *cappane* da Sardenha” se tornou o “Stonehenge americano”, os destroços de um assentamento não mais megalítico, pondera Glyn Daniel, do que “os chiqueiros de Pembrokeshire e os pontilhões<sup>18</sup> de Dartmoor” (Daniel, 1972, p. 1). “Qualquer pessoa que se preze”, comenta

15 N.T. Um *fogou* ou *fougou*: uma estrutura subterrânea de pedra, encontrada em assentamentos da Idade do Ferro ou romano-britânicos na Cornualha, Inglaterra.

16 N.T. *Grimspound*: um assentamento da Idade do Bronze, situado na cidade de Dartmoor, Inglaterra.

17 N.T. *Souterrains*: correspondem a estruturas subterrâneas encontradas nas Ilhas Britânicas, da Escócia à Cornualha, associadas, em sua maioria, com a Idade do Ferro atlântica.

18 N.T. “*Clapper bridge*”, no original.

Tempo Passado, Lugar Presente: Paisagem e Memória  
David Lowenthal

um erudito britânico, deve achar vergonhoso “ter uma história nacional com menos de cinco séculos” (Toulmin, 1965, p. 224). Mas Steinbeck observa que americanos são somente “tão famintos por história quanto era a Inglaterra quando Geoffrey de Monmouth tramou sua História de Reis Britânicos, muitos dos quais ele inventou para satisfazer uma crescente demanda (Steinbeck, 1963, p. 80).

Preconceito cultural também afeta o que é preservado, o que é vítima de desaparecimento e o que é deliberadamente destruído. Elementos lembrados com orgulho são aptos para ser salvaguardados contra erosão e vandalismo; aqueles que refletem vergonha pode ser ignorados ou expurgados da paisagem. Um memorial para a profissão mais antiga do mundo, durante a Corrida do Ouro da Califórnia, foi arrancado porque oficiais pensaram em senhoras de vida fácil como indesejáveis objetos de comemoração.

Nos normalmente admiramos relíquias dos avós, ao mesmo tempo em que rejeitamos as relíquias dos pais; nós preferimos um passado remoto e maleável do que um mais recente, talvez mais sofrido ou muito conhecido. “Preservação funciona para o passado que bem antigo, mas ontem é pensado como algo dispensável” (Lynch, 1972, p. 42). Ao remontar à antiguidade, a Renascença negou seus débitos para com a Idade Média. Iconoclastas revolucionários citam antigas virtudes enquanto eles destroem as perversões do passado recente; deste modo a Comuna de Paris derrubou a coluna da Praça Vendôme e enalteceu a Roma antiga. Nas praças das cidades de antigas colônias britânicas jazem, caídas e esquecidas, estátuas da rainha Vitória, talvez esperando restauração como emblemas nostálgicos.

Nossos esforços para preservar nossas próprias recordações para futuras gerações não são menos partidárias. Imensa controvérsia

envolveu a seleção de amostras da civilização do século vinte enterrada na Cápsula do Tempo Westinghouse, na Feira Mundial de Nova York, em 1938. O cilindro de metal deveria ser aberto cinco mil anos depois, uma escolha baseada na percepção, então vigente, de que a história registrada ia tão longe assim no passado. A cápsula contém evidências da vida cotidiana como um pedaço de carvão, um alarme, uma caneta-tinteiro, um abridor de latas, um chapéu e um “Daytime Harmony Cyclamen Box”, de Elizabeth Arden, um cosmético extremamente datado. Depois da primeira bomba atômica houve pressão para a abertura da cápsula e a adição das últimas novidades tecnológicas, mas os promotores decidiram “deixar a pobre coisa velha em paz” (Hyman; Mckelway, 1953, p. 194-219).

Na Índia, o partido de oposição do governo se queixou de que uma cápsula do tempo enterrada em 1973 passava uma “imagem distorcida da história indiana” porque ela não mencionava o assassinato de Gandhi; líderes do partido foram presos tentando desenterrá-la (Times, 1973, p. 6). Eles devem ter ficados aliviados ao saber que o conteúdo da cápsula enterrada pelo presidente Taft, aberta apenas meio século depois, foi encontrada desbotada, amassada e mofada com a idade—um destino que, espera-se, a cápsula do tempo de 1972 de Dodge City escapará, com seu minivestido aberto nas costas, sua garrada de *whiskey* Jim Beam e “uma mosca que não saiu à tempo” (New Yorker, 1963, p. 18-19).

O passado é não só seletivamente visto, alterado e salvo, ele inspira imitação à semelhança do presente. Revivalistas arquitetônicos podem entender seus trabalhos como historicamente fiéis, e ainda assim manifestando um espírito moderno. “O [estilo] Tudor que agora contemplamos não é [o estilo] Tudor do século

dezesseis mas [...] aquilo que construtores do século vinte pensam que [o estilo] Tudor deveria parecer”, sugere Prince (1973, p. 14). O ideais do renascimento gótico de Pugin, Ruskin e Morris podem ter parecido reacionários e imitadores, mas Nicholas Taylor aponta que “nenhuma dessas utopias visionárias jamais existiram [...]. Sob o aspecto de ‘renascimento’ seus autores estavam sendo altamente originais e inventivos”. Na medida em que o gótico vitoriano resultou do passado, ele “devia tudo ao século dezoito, não ao décimo terceiro” (Taylor, 1973, p. 32).

Tais imitações, no entanto, não são tanto maneiras de alterar o passado quanto de refazê-lo.

### O PASSADO INVENTADO

Reconstrução não apenas reordena cenas passadas, ela cria outras completamente novas. Estórias recontadas caracteristicamente incluem detalhes de fundo ausentes das originais, fabricações que se tornam lembranças fixadas. É justamente com relação às suas invenções, conclui Bartlett, que as pessoas têm mais certeza. As cenas e eventos inexistentes são aquilo que elas consideram ser suas mais brilhantes lembranças (Bartlett, 1932, p. 78). Pouco tempo é necessário para essas invenções se tornarem enraizadas nas mentes. Meus estudantes e eu estávamos diversamente convencidos, poucos dias depois de ler “The Way Back”, de Robbe-Grillet, de que o episódio — um grupo amedrontado de que a maré alta pudesse os encalhar em uma ilha — aconteceu em uma tarde com um pôr-do-sol, que a ilha era habitada ou vazia e que o resgate deliberadamente remou o grupo para um destino não desejado — ainda que nada disso estivesse na estória original (Robbe-Grillet, 1965, p. 13-18).

Da mesma forma que pessoas inventam novos passados particulares, nações moldam novas histórias coletivas. O passado tangível é menos facilmente fabricável. Ainda que paisagens e paisagens urbanas estejam cheias de relíquias feitas para realizar fantasias históricas.

Nosso interesse no passado casualmente se conecta com ameaças à sua sobrevivência. A escavadeira de mudanças aumenta o valor de escassez de antiguidades. A propagação de nostalgia e da capacidade de satisfazê-la fez com que o saque e a falsificação de artefatos primitivos mais lucrativo. Poluição, destruição, escassez, roubo, todos promovem a substituição de cópias e imitações de relíquias verdadeiras do passado. Réplicas substituem arcos góticos no Claustro do Museu Metropolitano, em Nova York; uma cópia do David de Michelangelo tem estado diante do Palazzo Vecchio durante o último século, enquanto a obra verdadeira ocupa a Accademia. Um curador de museu sugeriu que por proteção “todos os trabalhos originais serão embalsamados em algum cofre inacessível enquanto o público é alimentado por réplicas” (Thompson, 1972, p. 42).

Quando cópias substituem sobrevivências verdadeiras, pessoas se contentam com verossimilitude. Em dez anos, Varsóvia reconstruída já estava “coberta com pátina [...]. Mesmo os idosos não percebiam em seus cotidianos que esta cidade, que parece velha, é, em grande medida, nova. E eles não a sentem como uma criação artificial” (Lorentz, 1966, p. 52). Um operário perto de Roma molda vasos gregos e terracotas etruscas que nem mesmo especialistas podem distinguir visualmente seu trabalho de antiguidades reais; ele agora afirma que pode, inclusive, derrotar testes termoluminescentes (Meyer, 1974, p. 111-113).



Reconstruções abertamente fictícias como o “Mystic Seaport”<sup>19</sup>, o “Old Sturbridge”<sup>20</sup> e a “Merrie England”<sup>21</sup> podem confundir futuros arqueólogos; porém eles são passados fraudulentos, não deliberadamente impostores. Mais mentiroso é a adulteração de sítios para enganar descobridores sobre suas idades ou proveniências. Em vários casos, as antiguidades falsificadas conferem valor pecuniário aos próprios objetos. Outros falsificadores almejam causar reinterpretações históricas. Para Charles Dawson “bastava ver alguma coisa velha para investi-la com qualidades únicas e, se possível, transitórias” (Hillaby, 1973, p. 618-620), e pode, portanto, ter maquinado a ligação entre homem e macaco em Piltdown. Em torno de sua forjada Pedra Rúnica de Kensington do século quatorze, a cidade de Alexandria, Minnesota construiu uma paisagem duradoura que inclui uma réplica doze vezes maior do que a original e o maior viking do mundo (Wahlgren, 1958).

Várias falsificações são inspiradas por malícia. Irritado pela fé literal de um ministro não-conformista na passagem bíblica — “Havia gigantes na Terra naqueles dias” — um agnóstico do século dezenove gravou um grande bloco de giz à sua semelhança e o enterrou num campo no interior do estado de Nova York, onde foi encontrado um ano depois por construtores de poços. O escultor queria ridicularizar entusiastas religiosos, mas as multidões que

19 N.T.: “Mystic Seaport: The Museum of America and the Sea” (Porto Mystic: O Museu dos Estados Unidos da América e do Mar) se trata de um “museu vivo” cujo conjunto arquitetônico e esquadra objetiva a recriação de uma vila de pescadores da região da Nova Inglaterra durante o século XIX.

20 N.T.: “Old Sturbridge Village” (Vila Old Sturbridge) corresponde a um “museu vivo”, construído a fim de recriar a vida nas áreas rurais da Nova Inglaterra entre os anos 1790 e 1830.

21 N.T.: “Merry England” (“Inglaterra Alegre”) se refere a um autoestereótipo inglês, uma concepção utópica da sociedade e cultura inglesa, baseada num estilo de vida pastoral idílico que, alegadamente, foi prevalente em algum ponto entre a Idade Média e o início da Revolução Industrial.

se aglomeraram para ver o Gigante de Cardiff nunca duvidaram sua realidade e debatiam apenas sobre se se tratava de um corpo petrificado ou uma obra-de-arte antiga. Acréscimos criativos rapidamente enfeitaram tudo isso a ponto de tornar-se uma relíquia tangível: Alexander McWorther, de Yale, considerou o Gigante uma estátua de Baal e encontrou inscrições fenícias em seu braço direito; Oliver Wendell Holmes observou detalhes anatômicos através de um buraco que furou atrás da orelha do Gigante. Enquanto isso uma paisagem secundária de “Bares do Gigante” e “Casas de Golias” proliferaram para atender aos visitantes.

As multidões continuaram vindo mesmo depois do engodo ter sido revelado. Quando o escultor se negou a arrendar seu gigante para P. T. Barnum, o empresário o copiou; em turnê a imitação falsificada desbancou o original. O gigante original agora repousa no Museu do Agricultor, em Cooperstown, onde Edmund Wilson o encontrou grandemente deteriorado pela idade, suas pernas quebradas por “viajar e ser exposto em uma feira rural após a outra”, sua genitália e dedos erodidos por meio século de terríveis invernos (Dunn, 1949, p. 367-377; Wilson, 1971, p. 31-33). A maioria dos engodos como esse são feitos para serem descobertos, mas poucos tão descaradamente como a inscrição rúnica em Mulsjö, Suécia, que se lê, em inglês moderno, “Joe Doakes foi para o Leste 1953. Ele descobriu a Europa. Santa fumaça!”

Outros que inventam novos passados acreditam que eles estão apenas realizando os objetivos verdadeiros – nunca realizados ou rapidamente deturpados – dos planejadores originais. Quando se pediu aos restauradores de Williamsburg que justificassem a quantidade de tinta nas fachadas do século dezoito, conhecidas por nunca terem ostentado tais cores, eles responderam, com efeito, “Ah, mas eles **teriam** usado tinta se eles pudessem dispor delas”.

Tempo Passado, Lugar Presente: Paisagem e Memória  
David Lowenthal

Em “The Loved One”, de Evelyn Waugh, um registro descreve a igreja de “São-Pedro-sem-as-paredes, Oxford”, em um famoso cemitério de Hollywood como

mais do que uma réplica, é uma reconstrução. Uma construção-novamente daquilo que os antigos artesãos buscaram fazer, com seus instrumentos rudimentares de tempos antigos. O tempo tem agido com maldade no belo original. Aqui você vê como os primeiros construtores o sonharam há muito tempo atrás.

O germe da melhoria nos infecta a todos. Como um visitante a uma cidade georgiana, imaginado por Summerson, nós fazemos as paisagens corroborarem fabricações da memória. Invenções se tornam realidade no mundo idealista de Borges:

Duas pessoas procuram por um lápis; o primeiro o encontra e não diz nada; o segundo encontra um outro lápis, não menos real, mas mais próximo de suas expectativas. Esses segundos objetos são chamados *hronir* e são, ainda que esquisitos no formato, um pouco mais longos. [...] A fabricação metódica de *hronir* [...] criou serviços prodigiosos para arqueólogos. Ele tornou possível a interrogação e mesmo a modificação do passado, que é, agora, não menos plástico e dócil do que o futuro.

Reconstrução histórica parece com a criação de *hronir*. Mesmo quando nos esforçamos por fidelidade ao passado nós criamos coisas novas que exprimem nossos hábitos e preferências. Parafraseando Panofsky, a paisagem que se modifica ao mesmo tempo indica e serve para perpetuar nossa mudança de atitude. Quando erodimos e alteramos o passado herdado, nós mais e mais forjamos o nosso próprio. Criaturas de processos históricos para além de nosso controle, nós moldamos paisagens e artefatos para condizer com ilusões históricas, públicas e privadas, que atendem nossas preferências. Todos os contornos do presente são históricos, no

entanto, eles são continuamente renascidos nas mentes de todas as culturas e de todas as gerações. ○

## REFERÊNCIAS

- ALDOUS, Tony. Buildings Old and New, **The Times** (Londres), 1973.
- AQUINO, Tomás de. Summa theologiae, II, II, quaestio XLIX, 1969.
- YATES, Frances A. **The Art of Memory**. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1969. As Guerras Púnicas. In: **História Romana**, de Apiano de Alexandria, l. 8, cap. 12, v. 84. Londres: William Heinemann, 1912, v. 1.
- BAKER, Russell. The Nostalgia Affair, **New York Times**, 1973.
- BARTLETT, Frederic C. **Remembering: A Study in Experimental and Social Psychology**. Cambridge: University Press, 1932.
- BARUK, H. **La désorganisation de la personnalité**. Paris: Presses Universitaires de France, 1952, apud FRAISSE, Paul. **The Psychology of Time**. Londres: Eyre and Spottiswoode, 1964.
- BECKER, Carl L. Everyman His Own Historian, **American History Review**, v. 37.
- BENTHAM, Jeremy. **Auto-Icon; ou Father Uses of the Dead to the Living**. Um fragmento, dos manuscritos de Jeremy Bentham, 1842 (não-publicados), Londres: Bentham Collection, University College.
- BETJEMAN, John. **First and Last Loves**. Londres: Arrow Books, 1960.
- BLIXEN, Karen. **Out of Africa**. Londres: Putnam, 1937.
- BOISSEAU, François G.; PINEL, Phelippe. Nostalgie. In: **Encyclopédie méthodique**; e AUENBRUGGER, Leopold. *Inventum Novum*, 1761 apud STAROBINSKI.
- BOORSTIN, Daniel J. **America and the Image of Europe: Reflections on American Thought**. Nova York: Meridian Books, 1960; LOWENTHAL,

Tempo Passado, Lugar Presente: Paisagem e Memória  
David Lowenthal

David. **The American Way of History**, Fórum da Universidade de Columbia, v. 9, 1966.

BORGES, Jorge Luis. **Tlön, Uqbar, Orbis Tertius, in his Labyrinths**. Harmondsworth, Middlesex, 1970.

BORGES, Jorge Luis. Tlön, Uqbar, Orbis Tertius. In: BORGES, Jorge Luis. **Labyrinths**. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1970.

BOWEN, Muriel. Vanishing Soot Upsets London Bridge Buyers, **Sunday Times** (Londres), 22/10/1972.

CALDWELL, Richard. Relatório da Comissão da Assembleia do Estado de Nova York, 1850. In: CALDWELL, Richard. **A True History of the Acquisition of Washington's Headquarters at Newburgh, by the State of New York**. Salisbury: Stivers, Slauson & Boyd, 1887.

CAMERON, Duncan F. The Museum: A Temple or the Forum. **Journal of World History**, v. 14, 1972.

CARNE-ROSS, D. S. Scenario for a New Year. **Arion** (University of Texas), v. 8, 1969.

Carta de John Vanbrugh para a Duquesa de Marlborough, 11/06/1709. In: **The Complete Works of Sir John Vanbrugh** (Editado por Bonamy Dobrée e Geoffrey Webb; 4 volumes), Londres: Nonesuch Press, 1927-1928, v. 4.

Carta de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 21/12/1899 apud BERNFELD, Suzanne Cassirer. Freud and Archaeology, **Amer. Imago**, v. 8, 1951.

CHANDLER, Richard, sobre Caracala, apud MACAULAY, Rose. **Pleasure of Ruins**. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1953.

COLLINGWOOD, R. G. **The Idea of History**. Nova York: Oxford University Press e Galaxy Books, 1956.

COLLINGWOOD, R. G. The Limits of Historical Knowledge, *Journal of Philosophical Studies*, 1920. In: WINKS, Robin W. (ed.). **The Historian as Detective**. Nova York: Harper & Row, 1969.

CORKERY, Daniel. **The Hidden Ireland: A Study of Gaelic Munster in the Eighteenth Century**. Dublin: M. H. Gill & Son, 1941 – 1924.

DANIEL, Glyn. Editorial, **Antiquity**, v. 46, 1972.

DANIEL, Glyn. **The Idea of Prehistory**. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1964.

DAVIE, Michael. Mother of the Kennedys, **Observer Review**, Londres, 1974.

DENNIS, Nigel. **Cards of Identity**. Nova York: Meridian, 1960.

DUNN, James Taylor. The Cardiff Giant Hoax, or the American Goliath. **New York Hist.**, v. 29, 1948; WILSON, Edmund. **Upstate: Records and Recollections of Northern New York**. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1971.

DUNN, Peter. Cowboys on the M1, **Sunday Times**, Londres, 1973.

EHRENZWEIG, Anton. **The Hidden Order of Art: A Study in the Psychology of Artistic Imagination**. Londres: Paladin, 1970.

ELIOT, T. S. Tradition and the Individual Talent [1917]. In: ELIOT, T. S. **Selected Essays**. Londres: Faber and Faber, 1932.

ELY, David. **Time Out**. Londres: Secker & Warburg, 1968.

FRAISSE, Paul. **The Psychology of Time**. Londres: Eyre and Spottiswoode, 1964.

FRAISSE, Paul. **The Psychology of Time**. Londres: Eyre and Spottiswoode, 1964.

FREUD, Sigmund. **Delusion and Dream and Other Essays** [1907]. Boston: Beacon Press, 1956.

GIBBERD, Vernon. Architectural Change, **The Times** (Londres), 1974.

HAMBURGER, Philip. **An American Notebook**. Nova York: Alfred A. Knopf, 1965.

HARTLEY, L. P. The Go-Between. Londres: Hamish Hamilton, 1953.

Tempo Passado, Lugar Presente: Paisagem e Memória  
David Lowenthal

HAWTHORNE, Nathaniel. **Dr. Grimshawe's Secret**: A Romance. Boston: Houghton Mifflin, 1882.

HERENNIUM, Ad, III, xxii, apud YATES, Frances A. **The Art of Memory**. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1969.

HILLABY, John. Who Was the Piltdown Mephisto? **New Scientist**, 15 mar. 1973.

HILLIER, Bevis. The Forward March of History, **The Times**, Londres, 1973.

HOPE, Francis. My Grandfather's House, **New Statesman**, 1973.

HOSMER, Charles B. **Presence of the Past**. Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1965.

HUNTER, Ian M. L. **Memory**. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1964.

HUXTABLE, Ada Louise. The Old Lady of 29 East Fourth St., **New York Times** (Nova York), 1972.

HYMAN, Stanley Edgar; MCKELWAY, St. Clair. Onward & Upward with Business & Science: The Time Capsule, **New Yorker** (Nova York), 1953.

JAMES, Henry. **The American Scene** [1907]. Bloomington: Indiana University Press, 1968.

JAMES, Henry. **The Sense of the Past**. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1971.

JONES, Ernest. **The Life and Work of Sigmund Freud**. Nova York: Basic Books, 1953-1957, v. 3.

LANGER, Susanne K. **Feeling and Form**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1953.

LEACOCK, Stephen. **Behind and Other Contributions to Human Knowledge**. Londres: John Lane, 1918.

LEE, Dorothy. Being and Value in a Primitive Culture, **Journal of Philosophy**, v. 46, 1949.

LEVIN, Bernard. Something Old, Nothing New, **The Times** (Londres), 1973.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **The Savage Mind**. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1966.

LLOYD, Selwyn apud HICKEY, William. No, I am NOT a Mod, Says Selwyn, So He Wants Parliament Left Alone, **Daily Express** (Londres), 1964.

LORENTZ, Stanislaw. Reconstruction of the Old Town Centers of Poland. In: **Historic Preservation Today**. Charlottesville: University Press of Virginia for the National Trust for Historic Preservation and Colonial Williamsburg, 1966.

LORENTZ, Stanislaw. Reconstruction of the Old Town Centers of Poland. In: **Historic Preservation Today**. Charlottesville: University Press of Virginia for the National Trust for Historic Preservation and Colonial Williamsburg, 1966.

LOWENTHAL, David; PRINCE, Hugh C. English Landscape Tastes, **Geographical Review**, v. 55, 1965.

LURIE, Alison. **The Nowhere City**. Nova York: Coward-McCann, 1966.

LYNCH, Kevin. **What Time Is This Place?** Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1972.

LYNCH, Kevin. **What Time Is This Place?** Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1972, p.l.

LYNCH, Kevin. **What Time Is This Place?** Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1972.

MACDONALD, Torbert apud **Cambridge Historic District Study Committee Final Report**, Cambridge, Massachusetts, 1962.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **One Hundred Years of Solitude**. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1972.

MAXWELL, William. **Ancestors**. Nova York: Alfred A. Knopf, 1971.

Tempo Passado, Lugar Presente: Paisagem e Memória  
David Lowenthal

- MEYER, Karl E. *The Plundered Past*. Londres: Hamish Hamilton, 1974.
- MEYERHOFF, Hans. **Time is Literature**. Berkeley: University of California Press, 1955.
- MORLEY, Sheridan. There's No Business like Old Business, **Punch**, 1972.
- MULLOY, Patrick, apud BART, Peter. Madrigals Lull the Bohemians at Faire in California Meadow, **New York Times**, 1966.
- NAULTY, Edwin Fairfax. **Historic Harewood, of Pleasant Memory and Patriotic Association**, 1901.
- NELSON, Hart M. The Democratization of the Antique: Meaning of Antiques and Dealers' Perceptions of Costumers, **Social Rev.**, v. 18, 1970, p. 407-419.
- NEWCOMB, Robert M. The Nostalgia Index of Historical Landscape in Denmark. In: *International Geography*, Toronto: University of Toronto Press, v. 1, 1972.
- NEWYORKER. Postscript. **New Yorker**, P. 18-19, 29/06/1963.
- NIETZSCHE, Friedrich. **The Birth of Tragedy** [1875]. In: "**Basic Writings of Nietzsche**". Nova York: Modern Library, 1968, s. 23.
- PANOFSKY, Erwin. **Renaissance and Renascences in Western Art**. Londres: Paladin, 1970.
- PANOFSKY, Erwin. **Tomb Sculpture: Its Changing Aspects from Ancient Egypt to Bernini**. Londres: Thames & Hudson, 1964.
- PARR, Albert Eide. History and the Historical Museum, **Curator**, v. 15, 1972. Para arranjos de cadeiras ver: BUTLER, Joseph T. Historic Rooms at Sleepy Hollow
- PETERS, Pauline. Calling on the In-Laws, **Sunday Times** (Londres), 1973.
- PETRARCA. Africa, IX, linhas 456-457. In: MOMMSEN, Theodor E. Petrarch's Conception of the "Dark Ages", **Speculum**, v. 17, 1942.
- PRINCE, Hugh. *Reality Stranger than Fiction*, **Bloomsbury Geographer**, v. 6, 1973.
- Restorations, **Historic Preservation**, v. 20, 1968.
- ROBBE-GRILLET, Alain. The Way Back. In: ROBBE-GRILLET, A. **Snapshots and towards a New Novel**. Londres: Calder and Boyers, 1965.
- ROGERS, Samuel. **The Pleasures of Memory with Other Poems**. Londres: T. Cadell e W. Davies, 1803.
- ROSENBLATT, Roger. Look Back in Sentiment, **New York Times**, 1973.
- RUSSELL, Bertrand. **The Analysis of Mind**. Londres: George Allen & Unwin, 1921.
- SANTMYER, Helen Hooven. **Ohio Town**. Columbus: Ohio State University, 1962.
- SCHACHTEL, Ernest G. **Metamorphosis: On the Development of Affect, Perception, Attention, and Memory**. Nova York: Basic Books, 1959.
- SHARP, Thomas. **The North-East — Hills and Hells**. In: *Britain and the Beast*. Londres: Reader's Union, 1938.
- SLOCHOWER, Harry. Freud's Gradiva: Mater Nuda Rediviva: A Wish-Fulfilment of the "Memory" in the Acropolis, **Psychoanalytic Quarterly Journal**, v. 40, 1971.
- STAROBINSKI, Jean. The Idea of Nostalgia, **Diogenes**, v. 54, 1966.
- STEINBECK, John. **The Grapes of Wrath**. Londres: Heinemann, 1939.
- STEINBECK, John. **Travels with Charley in Search of America**. Nova York: Bantam Books, 1963.
- STOKES, Adrian. **The Invitation in Art**. Londres: Tavistock Publications, 1965.
- SUMMERSON, John. **Heavenly Mansions and Other Essays on Architecture**. Nova York: W. W. Norton, 1963.

Tempo Passado, Lugar Presente: Paisagem e Memória  
David Lowenthal

TAYLOR, Nicholas. **The Village in the City**. Londres: Temple Smith, 1973.

THOMPSON, Garry. The Conservation of Antiquities: Developments in Planning, **Journal of World History**, v. 14, 1972.

THORNDIKE, Lynn. Renaissance or Prenaissance? **Journal of the History of Ideas**, v. 4, 1943.

TIMES, The. "MP's Held after Attempt to Dig Up Time Capsule". **The Times** (Londres), p. 6, 24/12/1973.

TOULMIN, Stephen. The Myth of the Dinosaurs. **Punch**, 1965.

VANBRUGH, Jon. Carta de John Vanbrugh para a Duquesa de Marlborough, 11/06/1709. In: DOBRÉE, Bonamy; WEBB, Geoffrey (Ed.). **The Complete Works of Sir John Vanbrugh**. Londres: Nonesuch Press, 1927-1928. vol. 4.

WAHLGREN, Erik. **The Kensington Stone: A Mystery Solved**. Madison: University of Wisconsin Press, 1958.

WAUGH, Auberon. A Matter of Judgement, **New Statesman**, 1973.

WAUGH, Evelyn. **The Loved One: An Anglo-American Tragedy**. Londres: Chapman & Hall, 1965 [1948].

WEIL, Simone. **The Need for Roots**. Nova York: Harper & Row, 1971, 51.

WHITEHILL, Walter Muir. "**Promoted to Glory...**": The Origin of Preservation in the United States, in *With Heritage So Rich*. Nova York: Random House, 1966.

WILLIAMS, Raymond. **The Country and the City**. Londres: Chatto & Windus, 1973.

Woodland Democrat (Califórnia), apud **New Yorker**, 1973.

YATES, Frances A. **The Art of Memory**. Harmondsworth Middlesex: Penguin Books, 1969.

Submetido em dezembro de 2017.

Revisado em junho de 2018.

Aceito em janeiro de 2019.